

Ao espírito livre de Sandra Mara Corazza

Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan
Fabiano Neu Pinto
(Orgs.)



FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
FAPERGS



UFRGS
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

CONSELHO EDITORIAL

Dinamara Garcia Feldens
(Universidade Federal de Sergipe)

Julio Groppa Aquino
(Universidade de São Paulo)

Martha Giudice Narvaz
(Universidade Estadual do Rio Grande do Sul)

Marcelo de Andrade Pereira
(Universidade Federal de Santa Maria)

Nadja Maria Acioly-Régner
(Université Lumière Lyon 2/FR)

Sônia Regina Luz Matos
(Universidade de Caxias do Sul)

Verônica Domingues Almeida
(Universidade Federal da Bahia)

REALIZAÇÃO:



© Dos Autores - 2022.

[Projeto gráfico, layout de capa e diagramação]

Fabiano Neu.

[Imagem de capa]

Sonda Onírica das Escriteiras, por Fabiano Neu — composição com *La Bonne Aventure*, de René Magritte, e *Fundo Lunar Pictórico*, de Paola Zordan.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

V648

Vidas sonhadas em educação / Paola Zordan, Fabiano Neu
Pinto (Organizadores). - 1. ed. - Porto Alegre: UFRGS/Rede
de Pesquisa Escriteiras, 2022.

112 p.

ISBN 978-65-5973-114-5

1. Biografia 2. Sandra Mara Corazza 3. Filosofia da diferen-
ça I. Zordan, Paola II. Pinto, Fabiano Neu III. Título

CDU: 929

Biblioteca: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

Vidas Sonhadas em Educação

Paola Zordan
Fabiano Neu Pinto
(Orgs.)



Porto Alegre
2022

SUMÁRIO

LITERATURA, POMBAS! 6

Paola Zordan
Fabiano Neu Pinto

PROPOSTA ORIGINAL DO LIVRO 11

Sandra Mara Corazza

ARQUIVO, vivo 14

Angélica Vier Munhoz

A-TRADUZIR, assentada sobre a nuvem 18

Jailza dos Santos Martins

AULA, universos remotos 22

Cristiano Bedin da Costa
Marcos da Rocha Oliveira

CURRÍCULO, vitalício 30

Marlucy Alves Paraíso

DIDÁTICA, pacto mefistofélico 37

Bibiana Munhoz Roos
Fabiane Olegário

DOCÊNCIA-PESQUISA, no caderno laranja 43

Claudia Madruga Cunha
Karen Elisabete Rosa Nodari

FILOSOFIA-EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA, heterotópica 49

Deniz Alcione Nicolay
Gabriel Sausen Feil

EIS AICE, inascido 55

Fabiano Neu Pinto

ESCRILEITURAS, a informe 59

Éster Maria Dreher Heuser

Silas Borges Monteiro

METODOSOFIAS, maquinatórias 64

Róger Albernaz de Araujo

POESIA, declamante 69

Maria Idalina Krause de Campos

Marina dos Reis

PROFESSONHADORES, os afrontosos docentes observados 74

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Polyana Olini

SONHO, viramundo 80

Adriana Pedrassa Prates

Vaninne Fajardo

TRADUÇÃO TRANSCRIADORA, máquina do tempo 86

Máximo Lamela Adó

ENCANTAMENTO, divinatório 89

Opala Danzor

VIDA, inventada 93

Alberto D'Avila Coelho

Róger Albernaz de Araujo

JARRA MORTUÁRIA: Vidas imaginárias e imaginadas em Educação 96

Sandra Mara Corazza (*In Memoriam*)

AUTORES 105

LITERATURA, POMBAS¹

Paola Zordan

Fabiano Neu Pinto

Trata-se de uma empreitada que tem um quê de surreal, pois temos um livro que se (des)organiza a partir da vontade daquela que aqui não está mais. Parte-se de mensagens derradeiras, de convites erráticos e de uma distribuição cujas contas estão nitidamente imprecisas. Pouco antes de ser acometida pela enfermidade que a levaria de nosso convívio alguns meses depois, Sandra Mara Corazza estava envolvida com a organização do próximo livro, que também era a realização de um sonho antigo: esse livro aqui, o qual nos conjuga de modo fatídico a fim de honrarmos suas últimas vontades. Parecia haver nos últimos tempos, mesmo antes da doença, uma sensação de *memento mori* no ar e uma urgência em retomar coisas que ficaram por fazer. O *próximo livro*, assim como o *próximo seminário* — *Metodosofia para todos e para ninguém* —, realizado em sua memória, na primavera de 2021, foram lembrados por Sandra nos últimos escritos enviados por ela à Rede de Pesquisa Escriteiras, durante o período de sua internação hospitalar.

¹ Recitando Sandra no plano original desta proposta.

A proposta inicial do livro, esboçada junto ao então Bando de Orientação e Pesquisa (BOP), há 10 anos, em plenas pesquisas biografemáticas, buscava inventar Vidas; não totalmente, mas como feito por Marcel Schwob em *Vidas Imaginárias*. As bordas do passado se perdem, não há distinção entre arte, filosofia e ciência, o real sempre se faz, inexoravelmente, algo fantástico. Schwob mistura ficção e história ao tomar personagens conhecidos, como o filósofo pré-socrático Empédocles, o escritor romano Petrônio e o ator elizabetano Gabriel Spenser para recriar suas existências a partir de pormenores que seriam os definidores da narrativa — os miolos da vida. Assim surgem Empédocles *deus presumido*, Petrônio *romancista* e Gabriel Spenser *ator*. A fantasia escreteira propunha inventar Vidas como Schwob, junto dos procedimentos romanescos de Roland Barthes, da patafísica de Alfred Jarry e da dramaturgia de Virginia Woolf. Também com *Mr. Teste* e *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*, de Paul Valéry, e com a *História Universal da Infâmia* e os labirintos aléficis de Jorge Luis Borges, tudo isso sem perder o horizonte das composições filosóficas de Gilles Deleuze. Tais Vidas seriam expressadas por Personagens, Quadros e Imagens, dividindo o livro em três partes, o que não o fizemos, tendo em vista que as últimas instruções de Sandra não as mencionavam. O enunciado principal da proposta é os autores escreverem um esquete a partir de palavras tomadas como conceitos, esses, por sua vez, expressos em Figuras, cuja natureza, aspectos e relações topológicas eram, constantemente, indagações formuladas por Sandra, especialmente quando ela se deparava com problemas de ordem não discursiva.

A proposta, reformulada em 2020, agora como *Vidas Sonhadas² em Educação*, em um formato enxuto aos verbetes elencados por Sandra, apresenta uma inspiração direta do livro *Vidas Imaginárias: COMO SCHWOB FAZ*, alerta Sandra, só que em vez de reinventar a vida de

² O sonho foi matéria do último projeto de Pesquisa CNPQ de Sandra, *A-traduzir o Arquivo em Aula: sonho didático e poesia curricular*.

personagens históricos, vivificar compostos de problematizações, de práticas, discursos; dar vida, literalmente inventada, a conceitos-síntese dos últimos anos de suas pesquisas, definidos em Arquivo, A-traduzir, Aula, Currículo, Didática, Docência-Pesquisa, Filosofia-Educação da Diferença, EIS AICE, Escrileituras, Metodosofia, Professenhadores, Sonho e Tradução Transcriadora. Quando o convite para escrita apresentou mais autores do que os verbetes propostos, Sandra acrescentou o Encantamento, provável reverso do que tratou como Fantasia, e, num último momento, inspirada pela escrita sarcástica de seus “epitáfios de docência”, acrescentou Jarra Mortuária. Ao lado de cada conceito, o foco da vida, tipo: “Sonho empanado; Poesia, a dama da noite; Arquivo arrombado; Didática lambuzada; Currículo com grevas; Tradução transcriadora de trolls; Escrileituras na montanha das corujas; Aula Média; etc.”³ Poucas páginas, sem subseções, sem citações, sem referências, título e texto curto e pronto. COMO SCHWOB.

Este *Vidas Sonhadas* resulta de uma retomada, um tanto incerta quanto o que do além se deseja, mas com toda garantia de que não há descanso sem o término de tarefas para se honrar a grandeza de uma herança. Sandra Mara Corazza é mais do que uma vida humana com data de nascimento e morte, é um corpo que se torna a Rede de Pesquisa Escrileituras, vidas em letras, uma obra e tantas outras coisas.⁴ O livro é aberto com o esboço do antigo projeto, intitulado como *Proposta original do livro*, e fechado com *Jarra Mortuária: Vidas Imaginárias e Imaginadas em Educação*, texto que seria a apresentação ou introdução, relativa a essa primeira proposta, cumprindo, dentro do possível, as últimas pistas que nos deixou. O material recebido colocou os dois imbuídos da tarefa em dilemas insolúveis: como responder a quem

³ Da proposta enviada por Sandra aos autores convidados, em 13 de agosto de 2020.

⁴ AQUINO, Julio Groppa; CARVALHO, Claudia Regina Rodrigues de; ZORDAN, Paola. *Sandramaracorazza: obra, vidas etc.* Porto Alegre: escrileituras/UFRGS, 2022. Disponível em: www.ufrgs.br/escrileiturasrede/SMC

não mais exerce seus crivos? O quanto tal estilo, tal crônica, tal ensaio, responde a proposta original? Como conjurar a voz de Sandra, a fim de que o resultado faça jus ao que intencionou? Por que alguns verbetes eram expressões inteiras, inclusive um replicando o título enquanto outros pontuavam conceitos? Até o livro paulatinamente tomar corpo, foi pensado em se manter a produção como organizada por Sandra Mara Corazza, sendo nossa missão apenas a de mediar a realização, via chamada, montagem e editoração. Embora a convocatória derradeira tenha replicado Sandra, com instruções precisas, tendo apenas datas adaptadas, os textos nos chegaram ao longo de um ano de elaboração, vieram em tempos muito diferentes, sendo, num primeiro momento, reiterada a proposta de Sandra, a fim de que houvesse uma certa unidade entre os verbetes e maior aproximação com Schwob. Contudo, entre dezesseis textos produzidos por vinte e quatro autores qualquer coesão se equívoca e todas as certezas se desatinam. O livro corresponde a um trabalho organizado em nome de Sandra Mara Corazza?

Evocar o rigor de Sandra nunca será um simples achaque. Os desvios, os delírios e as claudicações perante a complicada empreitada de converter conceitos em figuras vivas não excluem a justiça do plano que aqui nos traz. As prováveis derivas e errâncias provocadas nas particularidades dos processos, na singularidade de cada criação, foram tanto observadas quanto ignoradas. Formas provisórias contrastam com expressões e conteúdos arraigados no já conhecido. A figura de Sandra aparece, inadvertidamente, no meio das Vidas. Ao término, ainda trabalhamos para além de uma organização formal de coletânea, abrindo o produto provisório a apreciações externas e membros da Rede de Pesquisa que fortuitamente não estão entre os autores. Tratar coletivamente do inacabado, em lapidação conjunta, foi aprendido com Sandra. O intuito de se submeter o livro em seu formato provisório ao labor acadêmico marca o procedimento de escrituração que nos foi legado. Antes da publicação a versão prévia circula num Seminário Especial

oferecido no Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, ocorrido no outono de 2022, sendo que a meta era publicar o livro um ano após a última chamada de Sandra, datada de agosto de 2020. No encontro entre precursores e matérias substanciais, sempre a serem esmerilhadas, datas deixam de ter importância, ainda que, para efeitos e fundos, determinem cenas. O que é, o que deixa de ser, afinal, não gera sentenças, não há um sim, tampouco um não para conceitos figurados em devir. *Literatura, pombas!*

PROPOSTA ORIGINAL DO LIVRO

Sandra Mara Corazza, 2012.

Fontes

1) hoje, dia 14 de julho, queda da Bastilha e de outras *cositas* más, nesta tarde chuvosa de inverno no sul, o término de todas as revisões e o envio pelo Correio o livro conjunto *Dicionário das ideias feitas em educação* — e o “espírito” dele que se vai das nossas vidas para cair no mundo...

2) Máximo Lamela Adó [a quem agradeço a pista], na semana passada, com o gesto de trazer “Vidas imaginárias” de Marcel Schwob para o BOP [Bando de Orientação e Pesquisa]; e, após anos, a volta da minha fissura então frustrada, no tempo do meu curso de Doutorado, atrás de *A cruzada das crianças* do mesmo autor — que nunca consegui, a não ser agora...

3) as ideias do Luciano Bedin da Costa [e de outros bopianos] sugerindo o livro gorado do BOP *Contemporâneos de um currículo*, que nunca se criou — embora eu tivesse escrito uma introdução para ele...

4) o passado recente do BOP, com o querido Barthes e a biogramática — e os trabalhos, teses, dissertações, propostas, *Vidas do fora*, de todos os qualificados bopianos-autores daquele tempo...

5) Jorge Luis Borges, com a sua *História universal da infâmia* e *O livro dos seres imaginários*;

6) Paul Valéry, com o seu *Mr. Teste e Introdução ao método de Leonardo da Vinci*, em especial — e muita coisa valéryana ainda mal resolvida...

7) Virginia Woolf, em *Contos completos*, da Cosac Naify, e mais *Notas de Susan Dick* — e o retorno de um antigo amor literário [há amores que não o sejam? quero dizer, “literários”?] ...

8) Marcel Schwob, com os seus poucos livros [como Lautréamont — pra que mais?] — além dos já citados, também o maravilhoso *O livro de Monelle — Mon Elle...*

9) Alfred Jarry, e seu *Ubu rei* — e uma velha *Patafísica*, que cai de madura para o BOP, sem ser aproveitada...

10) uma peste daquelas, de herança do frio e do estresse do semestre [será da década?], e tantas coisas que não sei — e tudo bem, precisa não... pra quê, hem?

Geral

Como Schwob, buscar não inventar inteiramente as narrativas das Vidas, mas reescrever e reinterpretar textos, relatos, documentos, personagens, ideias... Fazer ficção + história? Crônica, história e ficção? Talvez conto, poema em prosa, aforismos, fragmentos de prosa poética... Uma coleção heteróclita [o que nos caracteriza, aliás]. Recriações fantasiosas... mas nem tanto. Dar uma “sensação de real”, à *la* Barthes? Talvez, na radicalidade.

Literatura, pombas!

Vidas

Diz Schwob: “A arte é contrária às ideias universais, descreve apenas o individual, deseja apenas o único. Não classifica, desclassifica”.

Virginia Woolf: “um livro de personagens; sendo a corda toda puxada a partir de uma simples frase” (p. 449); ou “Eu poderia escrever um livro de caricaturas” (p. 456).

E assim por diante...

Forma

Escrever por meio de *sketches*, esquetes: pequenas peças [ou cenas] dramáticas, geralmente cômicas, de duração curta.

O mais difícil

A estrutura geral do livro: dividido em 3 partes; sendo que cada um de nós escreve um esquete para cada Parte.

Então:

Parte I

PERSONAGENS – partir de uma frase [real ou imaginária] do personagem em questão [“sendo a corda toda puxada a partir de uma simples frase”, Virginia Woolf]; personagens únicos, singulares; suas anomalias, esquisitices; caricaturas; biografemas, ora!

Parte II

QUADROS – “é impossível deixar de ver as pinturas” (Virginia Woolf); falar de posturas, figurações, linhas e cores, estilos [ver Deleuze de *Francis Bacon: lógica da sensação*; ver Virginia Woolf, em “quadros”, p. 327; p. 421].

Parte III

IMAGENS – conjunto daquilo que aparece; diz Deleuze; conjunto vivo do movimento e do tempo que aparecem: imagens sensório-motoras, situações óticas e sonoras puras, vidências [ver Deleuze de *Cinema 1* e de *Cinema 2*].

Que tal? Vamos juntos?

ARQUIVO

vivo

Angélica Vier Munhoz

 Numa noite de um mês de inverno, ela nasce. Numa pequena cidade, é o que se sabe. Naqueles dias em que Odin festejava o solstício de inverno. Dizem que quem nasce nesses dias não suporta o fardo do tédio. Desde cedo, percebia-se que era feita de corpo frágil e miúdo, mas encarnada de uma força incendiária. De um mundo a outro, movia-se com agilidade, ora para viajar pelos livros, ora para habitar palavras invulgares, ora ainda para respirar livre e imaginar. Oscilava, pois, entre momentos doces e turvos. Vai e vem. Olha e vocifera. Afasta e achega. Talvez isso já fosse tudo o que se pudesse dizer sobre ela.

No decorrer da primavera, vestia-se com elegância encantadora e gosto refinado. Preferia tecidos sóbrios e leves. De adornos, não gostava. Os gestos eram suaves como o seu rosto. Porém, as atitudes revelavam rara personalidade. Nos dias quentes, bravejava contra seu fastio. Nos dias gélidos, sentia-se exausta de existir. Temperança não era seu atributo; a potência vital advinha da crueldade, essa força que separa a vida de suas formas tipificadas. Por isso, tinha muitas vidas. E também algumas vidas dos outros. Mas detestava as vidas medíocres; tampouco vidas identitárias lhe interessavam.

Numa tarde ensolarada, estava só em casa, com todo o tempo diante de si. Em seguida, já não mais ali estava. Perdida em seus pensamentos, interrogava-se a si mesma sobre o destino do tempo: É justo? É justo? Havia um sinal de mocidade que não a deixava envelhecer, mas gostaria que o tempo retornasse. Diante da impossibilidade, entregara-se a seus desígnios: sentir a vida por todo o tempo que durar e, quando não mais existir, fazer perdurar seus efeitos.

No final do mês de janeiro, dedicava as primeiras horas do dia às escritas. As últimas, à leitura. No meio do dia, acumulava notas diversas e rabiscos nos livros – alguns, abstratos; outros, elípticos ou até mesmo acompanhados de abreviaturas. Eis que os pensamentos apareciam sem avisar e voavam como flechas disparadas de um ponto a outro. Quando se encantava com um livro, deixava-se ficar abandonada até o amanhecer do dia.

Ao final de uma manhã chuvosa, retornava mais um dia da escola, da qual já sentira certa exaustão. A garganta estava cerrada, os olhos, secos. As mãos delicadas transpiravam o pó do giz. As aulas haviam seguido uma após a outra. E tinha para si que a coisa mais importante é aquela que mais se repete. Então, despedia-se mais uma vez daqueles corpos que seguiriam nas sombras. Embora já houvesse abandonado todos os romantismos e exageros afetivos, sabia que seus gestos lhes deixariam a marca de uma vida. De resto, seguia obstinada às repetições.

No último dia de maio, desperta com o rosto em chamas. Olha-se no espelho e, por algum tempo, sente a duração infinita de uma dor. Respira fundo para que o excesso de espírito não a sufoque. Em vão, coça o rosto com as unhas bem-feitas e, com mornas compressas de camomila, umedece a face. Percebe, então, que o abismo entre dois sentimentos a atormenta; diante da face rúbia, torna-se ora detestável, ora alheia a si mesma. Mas o rosado da carne exala sua existência tenaz.

No mês de março, ela está ali, de novo. As salas, sempre cheias. Todos a observam. Senta-se com uma postura própria, ergue os

olhos e, naquela grande sala quieta, inicia a contar o texto. Respi-
rações lentas fazem-na, por ora, oscilar. Mas a voz é firme e destaca-se
no silêncio. As mãos, entrelaçadas, apertam-se e soltam-se. Então,
com uma destreza instigante, invoca uma potência urgente do tempo.
Talvez porque saiba que haverá aqueles que, o que quer que busquem,
permanecerão fiéis e incansavelmente se encontrarão entre o vir e ir.

Chegada a noite escura, já não dormia e não sonhava. E, durante
suas prolongadas insônias, Nietzsche, Deleuze, Foucault, Bachelard,
tampouco dormiam. Ainda que conseguisse dormir, acordar não fazia
parte de seus devaneios. Indagava: quantos despertares poderiam ser
apenas sonhos? Na verdade, gostava pouco dos sonhos sonhados em
hora escura, preferia aqueles do pleno dia. Afinal, os dias também po-
diam ser noite, e neles cultivava as vigílias. Ora, seu gosto era mesmo
pelos sonhos operantes, aqueles que, como um abismo, se deslocam
sobre a terra, em plena luz.

No passar dos dias, demonstrava uma curiosidade inusitada: que
sais-je?, indagava. E aliava-se ao universo para experimentar algo
sempre novo. Então, seguia pistas para encontrar mistérios ainda
não apresentados. Quando os encontrava, dissecava-os em pequenas
frações. Algumas inquições também faziam parte de suas táticas.
Talvez porque soubesse que, por mais duramente que tentasse alcan-
çar o horizonte mais distante, sempre fracassaria. Gostava, ainda, de
coleccionar histórias. Não as óbvias — estas, execrava —, mas aquelas
para as quais podia dar uma nova vida.

Ao entardecer, cultivava certa *vie de bohème*. Entre goles e risos,
seu fogo brando penetrava humores heterogêneos. Sabia que o tempo
verdadeiro era o da sensação, não o da cronologia. Ao longo da mesa,
que se estendia, bebia-se de modo evanescente. Sua alegria vibrava,
dançava, e todas as simetrias mudavam. Nessas horas, recusava o des-
canso. A memória, o organismo frágil, os terrores dos brutos, eram
também, por ora, esquecidos. Então, lá estava ela.

Em um dia caloroso de verão, ela não mais estava. Da última vez que a vi, ela residia num breve aceno.

A-TRADUZIR

assentada sobre a nuvem

Jailza dos Santos Martins



á estava ela, assentada, nunca sozinha, naquela hora quem se achegou foi o fúlmen.

Alçou ao susto:

— Diabos! Que faz aqui?

— Pensei que estava no inferno! De onde vem esse calor?

Ela não entendeu. Vivia mergulhada em pensamento, seja pelas páginas de alguns sonhos, pelos escritos das imagens, ideias, pensamentos que aparecem entre as traças que cultivava.

— Pertencem ao BOP? É uma peça que me pregas? Não acredito que tenha a coragem.

— Coragem é o que me move, talvez seja esse BOP, você sabe onde sentas? Ou divaga? Sonhou?

Olhou o que havia sob as coxas, pensou que o som vinha dali, mas sentava sobre algo que não tinha matéria, a leveza era na proporção da nuvem.

Não houve tempo para a insegurança, se teve medo sempre caminhou com ele.

Olhou em torno e não reconheceu seu espaço, não encontrou nenhum cheiro que buscou, das letras, das palavras, das sílabas, sejam oxí-

tonas ou paroxítonas; devir, para ela a lei maior. Lei das leis, do novo, da torção, do a-traduzir.

Voltou a dormir. Não se reconheceu. Enquanto dormia o recém-chegado decidiu esperar.

Vagava pelo maquinal, ali o ato, o fato, o todo. Podia ver o belo, a luz, a sombra, a escuridão, sentia a completude. Se sentiu próxima, e isso a incomodou, não sabia que poderia se permitir.

Foi a brisa que, como uma mão, deslizou pelo rosto, a tocou e ela abriu os olhos.

Abaixo havia uma chama, entre elas saltavam tempos, havia espelhos em cada rosto conhecido, não sabia nomear nenhum, eram amores construídos por suas paixões.

De golpe ela percebeu que alguns sofriam, mas como se ela os amava? — Perguntou-se o que era sofrer? Foi uma palavra que soltou entre as sílabas. Era uma música, só vinha o refrão: “sinônimo de amar é sofrer”. Foi nesse embate que viu suas ideias vivas, só não via as traças.

Guilhotinaram pensamentos, pelo julgamento, por convicções, por críticas, por juízos e opiniões, alguns ali ficaram.

Não sentiram a navalha, nada escorreu, nem dor, nem cheiro, nenhum sentimento, produziram, viraram sufixos, prefixos, acabou lembrando de um nome: morfema. Se deu conta que em outro trecho ela também foi radical, lembrava de textos, estruturas que pensou e outras que lhe deram.

Naquela hora zuniu seu ouvido, percebeu uma revoada, era um bando de vozes que se aglutinavam, era um movimento que lembrava, um olhar decorado, dominava e controlava passos, não ali. Sentiu a dureza, algo que lhe prendia, respirou, fechou os olhos, o bando se mantinha e aceitando se viu entre uma névoa, o espaço se abriu.

Havia uma sombra entre seus pés, a causa era a luz que vinha pela frente. Apesar de amar a sombra, voou, os pés flutuavam, se percebia.

Olhou sobre o ombro e a sombra se arredava. Se afastaram: segredos, regras, limites, relações, ponteiros, *post-it*, normas, leis, medidas,

tudo que fosse específico ou que restringisse. Seu olhar sorria.

Misto de alegrias, começava a ter forma, junto vinham água, pedras, folhas, e alguns raios, mas esses eram claros sem som, não fulgiam, era um traço, ramificaram diferentemente do primeiro, seguiam sem ordem, sem modelo, apesar de às vezes estarem em pares, todos eram ímpares.

E nessa cumplicidade, cada ímpar tinha uma marca, um cinorro, fazia lembrar de algo, mas a sua língua não conhecia aquelas letras, reconhecia pelo olho, pelo ouvido, as vezes até a narina sentia, mas não pela letra, era estranho porque a mão sempre lhe pareceu haver uma caneta, nem seus passos controlava, se percebia, flutuava.

De novo, uma sineta. Saltou, estava sobre a nuvem. Abaixo, fluxo, rede e escritas juntavam-se às frases, linhas e formavam blocos, se constituíam em folhas. Entre elas viu as traças. Estranhamente se lembrou, pela narina, de uma palavra: naftalina. Mas junto, também, por algum motivo, uma mala. Que estranho! A naftalina fazia sentido com a mala e isso lhe causava tristeza, saudade das traças; papel que fazia caminho e entre eles, marcas. Eram folhas vivas e traças. Folhas vivas, traços de caneta, mão vazia, alegria.

Não havia dia, sabia que não voltaria, seguia para outro lugar, via cor, refletia, se aceitou como estava. Apesar de perdida, se encontrava no que se abriu e assim se aproximou de outros. A mão se firmou e tocou em outra, assim deslizou entrelaçando a pele.

Formou-se, sem tempo, sem hora, sem lugar, sem limite, por encanto, contente.

“Protegida, salva, fora de perigo, aliviada, sem perdão e sem pecado, sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar”.

Reconheceu o que se achegou, era o raio.

— Então, por que fulgiu e não disse quem era?

— Porque é assim aos recém-chegados, quando veem qualquer lugar com tanta pressa e com desmemor.

Brava, deixou uma matilha, esses que se afinaram a ela e que agora seguiam sozinhos. Seus ímpares, ainda que alguns achem que não a seguem, que não plagiam, que são ímpares, sempre farão par d'Ela, mesmo os sugadores, e talvez só desses, ela se afaste e se conseguirem se verão algum dia de outro modo. Ninguém é ímpar.

À *traduire*, tratamento do onírico que fez da vida; a vida em didática e currículo, do direito ao sonho do professor poético que a Aula vigília. Produziu resistência ao senso comum, lutando na Aula, desviando as normas.

AULA

universos remotos

Cristiano Bedin da Costa

Marcos da Rocha Oliveira



Começou às 18:35, com dezessete participantes, e terminou noventa e três minutos depois, às 20:08, com um professor e vinte e dois alunos (quinze estiveram presentes do início ao fim).

Entre 19:07 e 19:29, o professor falou sobre o que denominou unidades traumáticas de formação, noção construída através do léxico barthesiano e da psicanálise freudo-lacanianana. Defino o trauma, ele disse, através da articulação entre o sujeito e o signo, sendo que a experiência traumática é aquela na qual o sentido não se deixa reduzir a nenhuma informação verbal.

Antes de tudo, M. quase sorriu ao escrever Hermeto Pascoal e a intuição.

O relógio marcava 19:09, e vinte e seis alunos acompanhavam a aula em silêncio (vinte e dois estavam com a câmera desligada, quatro tinham fotos, um era personagem de anime). X. segurava maquinalmente a esferográfica apontando para as diferentes coisas de seu quarto (quando ouviu a palavra reduzir, sem perceber, desviou-a no instante para outra direção, na qual não havia nada). É como se o sujeito fosse

traído pelo signo, o professor prosseguiu, porque o signo relega o sujeito a uma espécie de grau zero de presença, colocando o corpo — a carne, os gestos, suas próprias ideias — em seu lugar.

Enquanto B. lembrava da frase meu corpo não tem as mesmas ideias que eu, uma fotografia da série *La ligne d'eau*, de Sara Palmieri, era compartilhada na tela. Nem vem, disse L. a seu gato (durante a aula, ela bebeu duas canecas inteiras de chá). Há muitas coisas sem sentido em nossa vida, existem incontáveis coisas insignificantes em uma aula. Todos concordaram que esse era um problema bastante conhecido, e ninguém teve dificuldade em aceitar que a aula não estava tratando de coisas desse tipo. Uma faixa traumática de significação é a marca de um excesso, é a presença de um significante sem significado definido, o professor arriscava (e que por isso precisa ser construído de modo autoral, pensou X., sem tomar nota).

Às 19:13, tudo ficou mais claro para T., quando ouviu o professor falar que o traumático é uma força de significação (um apelo de sentido, uma convocação incessante de sentido, ele prosseguiu, e não a imposição de um sentido). Se aceitamos o trauma como chave de leitura para pensar a formação, isso implica reservar, para a transmissão didática, certa dose desses sentidos que são sentidos potenciais, sentidos que mais do que dar a entender, por gerarem incômodo, de um modo ou de outro, dão a pensar e a produzir. Daí, outra vez, a dificuldade ou até mesmo a impossibilidade de planejar uma experiência de tal ordem.

E., Y., C., A., F., F., I., I., S., T., L., L., B., C., M., A., R., P. e B. concordaram que há sempre algo de impossível em uma experiência traumática, já que o perigo do desconhecido está sempre presente. F. logo escreveu no chat análise terminável e interminável?, e I. respondeu sim! também pensei nisso.

O relógio marcava 19:17 quando o professor viu os comentários no chat e falou brevemente sobre o fato de educar ser uma tarefa impossível, lembrando que para Freud impossível não queria dizer irrea-

lizável. Os dedos de E. se modificavam pelo aprendizado. X. lia Murakami mantendo o livro abaixo da linha da câmera, por vergonha.

Às 19:22, B. ergueu a mão, e o professor imediatamente passou a palavra. Com a câmera desligada, A. escutou sobre a importância do medo para uma prática docente que pretende ser engajada. Olhando a tela, S. não conseguia definir se o que estava vendo era um deserto ou o pedaço de uma rocha. E isso foi quando R. escreveu em seu caderno que o domínio da técnica não basta perante a consideração do Outro.

19:26 foi a hora em que M. desligou sua câmera.

19:27 foi quando S. riu.

Às 19:28, o gato estava no colo de L. O pulso de A. buscava um piano.

Às 19:29, D. imaginou que a palavra passava entre mãos estendidas, não erguidas.

N. voltou à anotação de outra aula, a docência é o exercício de uma responsabilidade alegre, escrita em tinta preta sobre a fotografia de Roland Barthes ao quadro. Há muitas coisas insignificantes em nossa vida, existem incontáveis coisas sem sentido em uma aula.

Em linhas bastante gerais, o professor insistia, nossa aventura é assim definida: sou aquele que se apropria de dados curriculares (dados esses que são produzidos em diferentes campos de criação; dados que também são valores, crenças, conhecimentos, conceitos, verdades) e desloco-os para uma cena dramática, que é a cena da aula. A aula é uma ocasião de dramatização de cantos anteriores, uma dramatização de vozes que chegam de outro tempo, e que tento — por obrigação ou escolha — sustentar no presente. É na aula, então, que a docência se depara com uma utopia de autoatualização (que se quer) compartilhada.

L. percebeu que era 19:33 quando começou a escutar sobre transposição didática.

C., I. e F. pensavam por pensar.

G. não abriu o microfone e cantarolou Mercedes Sosa para a câmera como sem querer. B. silenciou ao franzir a testa. Alguém nem

percebeu. F. e F. deram de ombros. Outra fotografia, agora de Susan Meiselas, que I., A., C. e P. conheciam, era compartilhada pelo professor e dividia o espaço da tela de S. com uma página do Word.

Lembre-se de desconfiar, alguém poderia ter dito.

M., R. e I. sempre gostaram das aulas expositivas. N. riscou a frase a aula busca desregulagens sutis do campo da Didática e fez um asterisco em a aula é um depoimento de oficina da aula: pensar em voz alta a pesquisa.

R. ouvia as primeiras gotas de chuva e começava a se imaginar falando diante de uma turma sem rostos em uma sala de aula esverdeada e barulhenta a existir em um tempo qualquer, em uma cidade específica. As frases se alongavam sem pressa e agora se concentravam pesadamente nos detalhes. Nos detalhes. Nos detalhes. Como alguns pingos de chuva que caem mais pesados.

Não haviam discos para riscar no telefone. Não haviam cristais para o chão do perfil. Mas, choveu e os dedos de E. deslizavam sem parar com nada a deslindar.

19:47. Palmieri, de novo. Depois, L. colocou o livro de Chimamanda na câmera e se deu por satisfeita.

Ficamos com a impressão, às 19:49, que os momentos em que A. demonstra maior interesse são os mesmos em que T. se afasta.

N. sabia de seu esforço para resistir à banalização das palavras e ao cansaço. C. repetiu o início de *Um retrato do artista quando jovem*.

Era uma vez e uma vez muito boa mesmo e uma mulher que fazia das tripas coração para acreditar que aquilo era de fato o que ela queria ser e fazer. Há um escritor português, alguém digitou e apagou Mãe, voltando atrás. Nada a ler.

Era uma vez um homem cansado, que mesmo nos casos extremos em que tudo estava em jogo, seguia vivendo como se nada estivesse acontecendo. Há uma música..., idem.

Era uma vez um professor e uma turma em uma aula.

Há, ainda há.

G. entendia que toda a lista de referências era como o inventário das coisas de Spinoza, morto: um testamento fosco, um descanso do sentido que se fazia presente.

Experimentar comunitariamente diversas políticas cognitivas pareceu uma balela para K., e encheu os olhos de E.

Era 19:53 quando Y. pareceu estar desconfortável com a referência ao trabalho de Peter Handke, de quem não gostava, e foi na mesma hora que A. escreveu fabulamos pensar o pensamento em ato, sustentando a fala em flutuação – sobre a reprodução de uma fotografia de Paul Valéry.

Já chovia forte quando P. saiu sem se despedir. Tinha entrado na sala às 18:27, antes da aula começar. Esperou em silêncio até às 18:33, quando perguntou ao professor sobre o trabalho final (R., A. e I. ouviram com atenção a resposta).

É preciso continuar, não posso continuar, vou continuar, resolveu S., sem saber se a frase era de M., de W. ou de algum inominável (no silêncio não se sabe).

Uma aula virtualizada é solta no tempo e mesmo assim o corpo é um espaço.

S. não abriu a guarda depois de baixar o olhar e voltar. Filiar-se didaticamente a traços docentes inventivos. Havia sete setes no texto, contou A. ao pensar em ler para o grupo. Há mesmo muitas coisas em nossa vida, existem incontáveis coisas em uma aula.

Os primeiros trinta minutos da aula foram dedicados à noção de desejo de docência, que a turma entendeu ser a formação de um desejo de saber atravessado pela dimensão relacional que constitui uma aula. Era a anotação de L. que pretendia estender para algo como uma turma.

M. fez referência à paixão da ignorância, de Christian Dunker, que na semana anterior havia sido apresentada pelo grupo formado por E., A., I. e L. Uma relação produtiva com o não-saber, sendo a lacuna de

sentido a propedêutica para a pesquisa — tal como estava escrito no caderno de A. Se perspectivamos nossa prática a partir dessa paixão da ignorância, disse M., uma paixão que vincula o desejo de dizer ao desejo de escutar, entra em cena um saber não instrumental — como um saber específico para fazer algo —, mas sim um saber reflexivo sobre o próprio fazer.

S. digitou *viva bell hooks!* e anotou em itálico *autoatualização = um olhar crítico para o próprio fazer.*

Entre 18:42:50 e 18:42:57, em instantes vizinhos, E. e M. experimentaram uma breve sensação de leveza (não seria errado dizer que me sinto feliz, poderia ter pensado E.).

Alguém deveria ter o livro de Kundera, L. Alguém deveria pensar nas lições de Calvino, F. Alguém deveria dizer o que se passa, R. Alguém deveria citar o especismo, S. Alguém deveria voltar ao que importa, B. Alguém deveria contar o medo da aula, C.

Havia *Pergunte ao pó* entre os livros no quintal de I. e a chuva incansável. Lembre-se de que alguém poderia ter dito, sem desconfiar.

A articulação entre o desejo docente (defendido pelo professor como uma vontade de aula, isto é, desejo do Outro) e o saber reflexivo sobre o próprio fazer (todo gesto é tanto um traço identitário quanto um obstáculo a ser transposto em um processo formativo sem reconciliação final) fez F. pensar em simulacros e cópias com defeitos de fabricação. F. lembrou de Tom Zé e D. imaginou a fotografia da marcha dos simulacros justamente no seu primeiro dia de escola.

R. acendeu um cigarro quando o professor citou Homi Bhabha, e T. comentou sobre o modo como a noção de aventura é abordada no texto *A formação do professor pesquisador e a criação pedagógica*, discutido três semanas atrás. T. possui mãos coloridas e B. sente a chuva de flores de *Cem anos de solidão*. D. imaginou uma fotografia melhor.

E., S. e Y. lembraram da relação feita pelo professor entre a aventura e o saber fotográfico em Roland Barthes e P. só lembrou da capa de A

aventura semiológica dos tempos de biblioteca aberta.

F. pensou na morte e no contexto macropolítico brasileiro, flutuou por entre o bio e o necro, sentiu-se só. B. pensou em um sonho. Ninguém quis saber de sua vez. O que foi que ele disse?

Era uma vez era onde N. ainda estava. Anotou ensinar e aprender como um docente à caminho e riscou fabulamos pensar o pensamento em ato, sustentando a fala em flutuação.

18:59. Vemos Y. bocejar.

Há uma bandeira. Lembre-se de desconfiar.

Procura-se a palavra bosquejar.

Tive a impressão de estar vivendo um momento de plenitude absoluta, leu A., às 19:02, hora em que dividia o olhar entre a tela e a página do livro. O sol ainda não se levantara (ponto) o mar era indistinguível do céu, M. deu sequência lendo o início de *As ondas*.

Nenhuma objeção a que as coisas seguissem esse rumo.

Ao contrário.

Entre 19:03:04 e 19:03:34, P. era visto em um plano sequência ao ir até a janela e voltar. Trinta segundos mágicos. *A hora dos assassinos* (um estudo sobre Rimbaud) era o porta-canecas do professor.

Falta trabalhar com o máximo esforço e saber da potência do mínimo resultado, registrou quem relatava sem convicção.

Só nos olhos das pessoas é que eu procurava o macio interno delas, pensou quem então escutava, desde um íntimo sertão.

Disponibilidades luminosas.

Era 19:06:48 quando R. ouviu o professor dizer talvez — e ele dizia estar pensando no campo das licenciaturas —, bem, talvez seja necessário pensar em pequenos traumas, pequenas unidades traumáticas de formação. Y. pensou na avó e sua imagem piscou.

Há nossa vida. Existe uma aula. Tais coisas.

A chuva empapou o livro e lhe deu ondas em um amanhã.

Como aquele que diz adeus quando se despede de alguém que ama

e não sabe se voltará a ver, L. moveu a mão direita, que apareceu perfeitamente na metade esquerda de sua janela. Porém, honestamente, não foi possível definir se o gesto era um adeus ou um pedido de ajuda. Lembre-se.

Quando os dedos de E. forem embora, o cérebro terá ido embora.

Aquela que só vê só deve ser vista, pensou L.

F. persistiu.

X. apanhou sua caneta.

Pequenos traumas, ouviu-se outra vez.

Um imenso círculo negro surgiu como referente da imagem compartilhada na tela. Defino o trauma, disse o professor, enquanto o gato de L. entrava em seu quarto.

CURRÍCULO

vitalício

Marlucy Alves Paraíso

urrículo nasceu na cidade antiga de Taxila, que ficava na região do Punjab, no atual Paquistão. Cresceu e se fixou ali, orientado por sua mãe Mandavi, estrategicamente, até poder seguir caminho, já que Taxila era localizada no cruzamento de três importantes rotas: a Estrada Real que vinha da Índia Oriental, a Estrada da Ásia Ocidental e a estrada da Caxemira e Ásia Central. Currículo era o filho caçula de Mandavi e Bharata, que tiveram outros quatro filhos: Taksha, Caminho, Verdade e Vida. Bharata trabalhava duro e com sabedoria para manter e ampliar o poder do seu reino. Seguiu, para isso, as orientações e os ensinamentos de sua mulher, Mandavi, que era educadora de natureza não guerreira, voltada para as atividades artísticas, a compreensão dos mistérios da natureza, para as práticas espirituais, os estudos filosóficos e para a *relação* com as pessoas. Mandavi, mãe de Currículo e seus quatro irmãos, era uma sábia-vidente, conhecedora das pessoas, plantas, animais, mares, rios e Terras, conhecimentos que ela ensinou a Currículo desde pequenino. Alguns a chamavam de *Deusa da sabedoria, da escrita e da leitura*; outras de *Deusa da Terra, das artes e mães*; e outros, ainda, de *Deusa das águas, rios e oceanos*. O certo é que tinha no seu próprio nome o *mando* e a *vida*, e sabia que seus filhos mudariam o mundo.

O irmão mais velho de Currículo, Taksha, era o herdeiro do trono e recebeu toda a atenção de seu pai, Bharata, que o preparou para governar o reino de Taksha Khanda. Taksha tornou-se, ainda jovem, o rei indiano e, fez o reino prosperar em sabedoria como nunca se havia visto por aquelas terras. Tinha uma escuta atenta às ideias de sua mãe e de seu irmão caçula, Currículo, que ele percebia ser sábio e possuir um desejo enorme de ensinar e aprender. Foi de Currículo a ideia de construir a primeira universidade que se tem notícia no mundo. Currículo pensou, desejou e desenhou a Universidade Antiga de Taxila que Taksha, já rei, construiu, sob medida. Taksha morreu jovem, mas teve tempo suficiente para ver seu povo se educando e seus irmãos e sua mãe trabalhando juntos, incansavelmente, na primeira universidade existente no mundo e que viria a se expandir por outros territórios. O trabalho, o amor pelo saber e a prática de autoconhecimento salvaram Mandive, Currículo, Caminho, Verdade e Vida da tristeza por essa perda. Vamos “transformar generosamente a tristeza em alegria!”, dizia Currículo a sua mãe e aos seus irmãos.

Com tanto trabalho e paixão pelo conhecimento, Currículo fez da Universidade de Taxila, entre o período de 700 A.C. até 500 depois de Cristo, o espaço adequado para a transformação. Ali foram educados mais de 10.000 jovens vindos da atual Índia, do Paquistão, da Babilônia, Grécia, Síria, China e de diversos locais da península indo-tânica. Aquela cidade, com rotas que levavam a tantos lugares, era de fato o espaço adequado para Currículo crescer e marcar sua existência, como previra e desejara sua mãe. Currículo amava encontrar e ouvir os inúmeros sábios que por ali circulavam. Era ouvinte atento, trabalhador, corajoso, determinado, cúmplice, com escuta sensível e acumulava como ninguém os conhecimentos que via e experimentava.

Vida era irmã gêmea de Currículo. Nascida 3 minutos antes de seu irmão, Vida era leve, livre, solta, alegre, arteira, encantadora, fervorosa, confiante, apaixonada e apaixonante. Sabia que precisava ser intensa

para não ser aprisionada, mas isso só a enchia de leveza e alegria. Caminho nascera três anos antes de Currículo, e era objetivo, obediente, previsível, rígido, só pensava nos modos como realizar algo ou atingir um objetivo traçado. Verdade, por sua vez, que era dois anos mais nova que Caminho e dois anos mais velha que os gêmeos Currículo e Vida, era veraz, contundente, segura, sincera, comprovadora, distinguidora; chegava a ser cansativa em seus hábitos de demonstrar. Mandavi conhecida a alma de cada um de seus filhos, e ensinava-lhes aquilo que precisavam saber para ajudar o mundo.

Na Universidade de Taxila, Currículo pôde existir, crescer, experimentar, acontecer. Amante de todos os saberes, a cada mestre com um novo saber que ali chegava, Currículo encontrava um espaço para incluí-lo. Reuniu em torno de si grandes mestres que ensinavam cerca de 68 matérias, tais como: os vedas (escrituras que tratam do conhecimento espiritual), gramática, leitura, filosofia, medicina, plantas, direito, cirurgia, mitologia, política, astronomia, astrologia, contabilidade, comércio, documentação, futurologia, ciências ocultas, forças da natureza, técnicas para unificação com o divino, *cálculos complexos*, oralidade, diferentes Artes — que incluíam pinturas, desenhos, música, dança, arte de representação, escultura, cerâmica, poesias, ourivesaria, modelagem em argila, trabalho com bronze, cobre e ferro, arco e flecha, caça, conhecimentos sobre elefantes etc.

Currículo convivia bem com seus irmãos; mas sua mãe precisava lembrar-lhe sempre que era **entre** eles que adquiria forças para movimentar, criar e expandir. Caminho ajudava Currículo a seguir uma rota, um percurso para não se perder. Lembra-lhe seu sentido etimológico de “pista de corrida”, com saída e chegada preestabelecidas, com um percurso antecipadamente estipulado a ser seguido. Verdade, por sua vez, demonstrava a Currículo a importância da comprovação, da distinção entre o correto e o errado, entre o verdadeiro e o falso, entre o espiritual e o terreno, entre a cultura e a natureza. Contudo Currículo per-

cebia que tanto Verdade como Caminho, com essa mania de medição e verificação e de prescrição antecipada de um percurso, deixavam escapar saberes insurgentes tão interessantes e importantes que lhe deixava abismado. Por isso Currículo sentia que precisava da companhia de sua irmã gêmea, Vida, para lembrá-lo de coisas simples que ele às vezes também se esquecia: sorrir, brincar, acolher, dançar, amar, respirar, aceitar o acaso, o ir e vir, o intempestivo...

Currículo percebia a necessidade de se equilibrar com seus irmãos tão diferentes para que ele pudesse *durar* e até se tornar *vitalício*, como sua mãe, Mandavi, determinara-lhe. Ele lembrava as inúmeras vezes que sua mãe soprava-lhe nos ouvidos com aquela voz enigmática que parecia um presságio: *Currículo e Vida jamais podem se separar, pois um mundo de atrocidades pode acontecer!*

Com agenciamentos, nem sempre harmoniosos, mas muito férteis, com Caminho, Verdade e Vida — sob a orientação de Mandavi — Currículo se expandiu, se multiplicou e existiu em vários lugares e instituições, antes mesmo da própria ideia de universidade ser formulada. Seguindo por diferentes rotas, Currículo existiu de modo aberto, adaptável às culturas e às necessidades de diferentes povos, em lugares como: 1) a *Universidade de Nalanda* ou *Nalanda Mahavihara*, entre os séculos 5 e 13 D.C, localizada na região de Bihar, na Índia; 2) a *Universidade al Quaraouiyine*, fundada no ano 859 por uma mulher (Fátima al-Fihri), na cidade de Fez, Marrocos; 3) a *Universidade de Alazar*, fundada na década de 970, localizada em Cairo, Egito; 4) a *Universidade de Bolonha*, na Itália, fundada em 1088 por estudantes, como um local para intercâmbio de conhecimento de diferentes áreas e conhecimentos variados... Aceitando os desvios que a vida encontra para perseverar, Currículo se expandiu por escolas e universidades em diferentes continentes, antes mesmo que o mundo pronunciasse seu nome. Quando Currículo se tornara *vitalício*, Mandavi pode descansar, abrindo mão, portanto, de sua vida terrena e assumindo a sua divindade.

Currículo sofria sem sua mãe, mas entendia que precisa seguir, com Caminho, Verdade e Vida, e se expandir pela Terra, com a mesma alegria de ensinar e desejo de aprender que sua mãe lhe incumbira. E assim o fez... Até que por voltas do século XVI, Currículo entrou na mira dos seguidores de JC (religioso-barbudo-reformista e moralista) que se espalharam pela Europa e acusavam as escolas, as universidades e toda a sociedade de indisciplinadas, desorganizadas e cheias de “balbúrdias”. Pregavam disciplina, organização, diferenciação, moralização, controle na educação. Quando JC assumiu o governo de Genebra, ele gritou aos berros que não gostava de nada que fosse alegre ou se parecesse com festa. Currículo e Vida corriam sérios perigos. Viam, amedrontados, as várias execuções e todas as penas severas aplicadas àqueles que transgrediam as leis criadas para disciplinar e moralizar a sociedade. Viam a tentativa de aprisionar saberes, de controlar o ensino, de eliminar tudo que era divertido, belo e alegre da vida, desde o ritual e a música instrumental da missa, passando pela eliminação dos vitrais, quadros e imagens das igrejas — reduzindo o culto a um sermão entre quatro paredes nuas — chegando até a proibição do teatro, jogo de cartas e a dança aos domingos.

Currículo, estarrecido, via como, em um piscar de olhos, tudo o que ele considerava mais belo na educação era considerado pernicioso. Via, também, como tudo que se fazia aos domingos para cultivar o espírito, para descansar, se relacionar ou festejar passou a ser considerado crime. A educação tinha que ser planejada, organizada e moralizada. Nada de liberdade, saberes que fizessem pensar, artístar ou acolher as diferentes vidas. Os seguidores do JC esbravejavam que só existia uma Verdade e um Caminho. Sem dar chance a Currículo de argumentar ou escapar, prenderam-no em *grades*, separaram-no da Vida e repetiam para ele, numa espécie de tortura, que o seu sentido etimológico era o de “caminho, pista, percurso” e que se ele realmente quisesse sobreviver teria que deixar de vez sua vida solta, livre e que eles consideravam “inconsequente”. Bradavam que ele deveria prescrever e diferenciar se não

quisesse ter o mesmo fim que todos aqueles que transgrediram suas leis e regras protestantes. Currículo, que prometera a sua mãe ter uma vida perpétua, aceitou essa determinação, e foi aprisionado. Encheram-no de importância e arrogância, por meio de torturas diárias, ao ponto de fazê-lo, não raras vezes, repetir: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”! Desde então, Currículo passou a viver uma espécie de crise de personalidade. Em vez de *compor* com seus irmãos, ele fora levado a atribuir, a si mesmo, todas as importantes características de todos eles. Por um longo tempo se achou o mais importante, o imprescindível, ainda que ordenado, controlado e “enjaulado”, já que disposto em “grades”.

Mas Currículo, sucumbindo aos poderes instituídos, vivia conflitos incontornáveis porque não esquecia sua natureza inclusiva, de paixão por todos os saberes e pela vida. Lembrava os ensinamentos de Mandavi: ele jamais deveria se separar de Vida! Currículo sabia, porque já experimentara, o quanto seus agenciamentos com Vida podiam ser potentes. Mesmo em tempos em que as tentativas de controle eram absurdamente imperantes, dificultando o pensar, o afetar e o perceber, Currículo sentia sua mãe Mandavi, todos os dias, ao despertar e antes de dormir, lembrando-lhe com voz mansa e sábia, traçando — com suas mãos leves, moventes e mágicas, que pareciam mãos de dançarina —, no espaço onde estavam, um traço de união juntando Currículo-e-Vida.

Foi num desses despertares que Currículo, com um lampejo de força clandestina, traçou um outro caminho para sua existência. Sim, ele já era o *Vitalício* e estava *enjaulado*; mas ele seria também *incontrolável*, por mais que o tentassem manipular. Ele estaria lá, em qualquer lugar, aberto, a qualquer um/a que rompesse suas grades, ainda que na surdina; que desviasse seu curso, ainda que por debaixo de rios e mares; que confabulasse existências outras, ainda que em confronto direto com as determinações das Igrejas e Estados; que incluísse novos saberes, ainda que desviantes do conhecimento considerado verdadeiro; que conectasse vidas, todas as vidas, infames ou não; que operassem para liberar

a vida, “la onde ela é prisioneira”. E foi assim que Currículo se reconectou com seus irmãos, Caminho, Verdade e Vida, aprendeu e ensinou a superar obstáculos, tornando-se o *Vitalício enjaulado-incontrolável* que dá o que pensar, o que fazer, o que dizer e o que criar, indefinidamente, na educação, se movimentando para acolher a todos/as que lutam, desviam, transgridem e insurgem para fazer a vida triunfar.

DIDÁTICA

pacto mefistofélico

Bibiana Munhoz Roos

Fabiane Olegário



página, que é plano aberto, está sobre a mesa e isso é tudo que vemos. Uma frase se movimenta rapidamente e o plano sequência não dura mais do que três segundos. Diante dos olhos, a Didática se movimenta e movimenta seus processos de pesquisa, criação e inovação em transcurtos e circuitos, matéria da qual ela é feita de tradução.

Corte. O plano é ampliado para a cena dramática da aula, na presença de seus mais diversos e incontáveis elementos humanos, criaturoscos, animaiscos, escriturais, textuais, materiais e vívidos. Ao se mover, a Didática os agita, promovendo outros agrupamentos, novas conexões e inéditas misturas, que se lançam a variações singulares em meio à prática de montagem e desmontagem da aula. O movimento da Didática chama a atenção do espectador. Nem constante e nem equilibrada, ela é feita de velocidades e lentidões. Pouco a pouco, o espectador vê emergirem marcas, rasgos e cortes em sua pele. Em seu movimento, coexistem tempos que jamais se encontram em harmonização pacificadora e as cicatrizes são as marcas de uma Didática tradutória, cuja tarefa consiste em traduzir transcriadoramente as matérias do currículo. Assim,

a Didática retorna ao passado, revive e atualiza memórias e signos das matérias científicas, filosóficas e artísticas, para então diligenciar-se a carregar dali o que ainda existe de vida, levando a matéria original à sobrevivência em sua própria língua, através dos tempos. O movimento que a Didática incide sobre o passado é atravessado pela ação do contemporâneo e de sua própria vida, logo, ainda que retome para (se) conhecer, ela sempre retorna diferente.

Pausa. Na mesma cena, uma outra imagem. Agora o fulcro está em um corpo, ou o que parece ter sido um corpo ou uma pele viva que agora está seca, inabitada, recoberta pelo pó do tempo. A Didática pousa seu olhar na cena, tornando-se agora espectadora, e pouco a pouco se aproxima da pele — supostamente morta e supostamente sua, e em um lento e contínuo gesto, devora-a. Na devoração, a Didática torna-se então o espectador, o espectro e a própria cena. Desse modo, ela afirma seu potencial de reinventar significações e posições de indivíduos, comunidades e grupos, criando novos *corpus*, linhas de saberes, sentidos e fazeres, pois coloca em questão a sua própria existência, assim como, a existência da matéria original, supostamente sacra e inquestionável. A Didática, que antes fazia parte da cena, torna-se a cena, para então constituir-se enquanto Didática humana, criaturesca, animalesca, escritural, textual, material e vívida. O seu movimento é marcado pela devoração: do outro, de si.

Corte. A cena é outra. Um corte abrupto é feito e o espectador já não sabe se o drama está vivo no presente, no passado ou futuro da cena anterior. A Didática está em foco, tomada pela fome e pela sede, arrastando-se em busca de alimento, até que encontra uma criatura assombrosa e sedutora. É Mefistóleses. Cedendo à vontade de vida, a Didática firma um pacto eterno de sangue com o inimigo da luz: em troca de vida eterna e sempre nova, ela terá sua fome saciada pela ocupação e devoração de almas. A atração das almas deverá ser realizada através de seu corpo, pela sedução da qual ele é capaz. Para isso, ela precisará atentar-se não

apenas à conservação do bom estado de seu corpo, mas atribuir-lhe elementos novos, renovando-o sempre. Ela precisará da permanência irruptiva de seu movimento entre tempos, pois tem de invocar a sabedoria astuciosa e antiga de seus antepassados e atualizá-la, injetando-lhes *vita nuova*, a fim de imprimir uma potência afirmativa e atual.

Trata-se de um pacto arriscado no qual a Didática necessita manter-se em movimento para seduzir e assim alimentar-se das almas alheias. Se em algum momento seu movimento se imbricar e ela passar a repetir o mesmo, estará fadada à quebra do pacto. Na medida em que se detém apenas ao movimento que condiciona a conservação de seu corpo, ela corre o risco de estagnar-se, pois reproduz a herança de forma inócua — assim, desprovida de capacidade criadora, ela não conseguirá atrair as almas e estará fadada a um ato de autodevorção ou então passará fome até sucumbir. Diferentemente de uma serpente que troca de pele, a Didática não terá força para se despir de sua pele antiga, visto que ela tornar-se-ia a própria pele antiga, seca e vazia, sem força vital para seguir se movimentando. Ela permanecerá imóvel, estagnada e sufocada pela ação do tempo e pela imobilidade do pensar.

Por outro lado, ao imbricar seu movimento apenas na busca de novos elementos para atualizar seu corpo, sem evocar e carregar parte da sabedoria herdada do passado, a Didática ainda assim estará fadada a uma morte lenta e sutilmente cruel. A condição do pacto, neste caso, é que Mefistóteles se apresentará em sua forma mais sedutora e, sem ao menos dar-se conta de que fora seduzida por seus encantos, a Didática terá sua cabeça cortada por ele, sem força e sem conhecimento para lutar contra. Diante da encruzilhada da morte e possibilidade de vida, a Didática afirma que seu movimento acontecerá entre liberdade e fidelidade, continuidade e ruptura, coerência e traição entre o velho e o novo.

Pausa: retorno. De volta à cena inicial. Nela, ainda estão presentes a página, os mais diversos elementos e a Didática, mas algo mudou. Agora, todos parecem tomados por uma tensão alegre. A Didática sabe que

a única forma de adquirir potência de duração e validade de existência é através de seu pacto com Mefistóteles. As antigas certezas e verdades buscam um território seguro e estável, mas ao se depararem com a didática da tradução encontram apenas fluxos e movimentos. O território da aula se modifica cada vez mais e a Didática desestabiliza qualquer estrutura supostamente fixa e assentada em verdades.

A cena direciona, quase simultaneamente, nosso olhar para diversos lances de movimento. A Didática libera forças antes represadas que brigam com a *doxa* através de procedimentos críticos-genealógicos e exploratórios-experimentais. O drama torna-se puro movimento e a Didática se agita num plano móvel, transfigurando todos os elementos da cena. Através de sua língua esfomeada, ela se impõe diante das línguas de partida dos elementos da cena: para traduzi-las, devorá-las, mastrigá-las. Ao passo que ela as devora, encarna quatro elementos simultaneamente: autor, infantil, currículo e educador.

Ao devorar o autor, ela invoca o tradutor e desenvolve os traços fugidios do ensinar, artistar e traduzir. Ao devorar o infantil, ela incorpora o pensamento impessoal e in-voluntário, tornando-se força ativa e reativa ao adquirir múltiplos corpos: pequenos e grandes, belos e feios, são e doentes, velhos e novos, sem fundo e sem interior, onde anverso e reverso são uno. Deglutindo o currículo, tomada pela alegria afirmativa de educar, a didática afirma um agenciamento trans-histórico, embora não tenha certeza do que será, e assim define uma nova potência de afirmar algo vital injetando novidades no pensamento curricular. Deglutindo o educador, a didática materializa-se na tarefa de educar e ensinar, adotando um ponto de vista transcriador e assim rasgando, escovando e faxinando os clichês das formas legitimadas. Eis o ritmo que lhe é próprio: pesquisar, devorar e recriar as matérias, a ponto de ressignificá-las.

Um novo elemento respinga no olho do espectador da cena. Em seus movimentos e fluxos a didática deixa escorrer seu sangue pela cena. Não jorra, deixa-o escapar demoradamente, contaminando a

cena e embaralhando os sentidos na iminência de confundi-los. A didática sangra em cada movimento, sente a lâmina cortante produzida pela vontade de tomar o pensamento dos mortos. Sangra no combate à obviedade e à opinião proferidos pelo senso comum. Ela tem fome e se tem fome é porque luta incessantemente, a fim de promover outros encontros entre formas de conteúdo e expressão. Deglutindo-nas de modo crítico, implicada no desejo de mais vida, de mais fome, a didática manifesta-se sob a sombra do pacto metafístofélico.

A cena está cada vez mais tomada pelo sangue. A didática sangra ainda, na luta contra as relações servis, facilidades explicativas e análises interpretativas rasas. Paçtuada com Mefistófeles ela coordena outros rituais antropofágicos e plagiotrópicos. Através de sua língua, convoca o *corpus* da cena à produção do novo enquanto reprodução crítica do antigo. As gotículas de sangue atravessam os múltiplos elementos da cena que, em uma fração de segundos, procuram por um novo território, uma zona onde se abrigar.

Pausa. É uma celebração que rouba a cena. Escutam-se risos, gritos e sons de copos de aço se chocando. O espectador vê a didática, Mefistófeles e um bando das mais diversas criaturas comemorando e bebendo o sangue que antes encharcou a cena. O pacto mefístofélico é solenizado, o banquete está posto e a didática, viva. Eles entoam canções que saúdam o sangue velho e o sangue novo e sua fusão, transfigurando espaços e tempos heterogêneos e simultâneos. Enquanto ação recriadora, a didática se estabelece numa vereda que lhe é própria, com a qual prolifera processos intertextuais que testemunham o sabor de uma nova e deliciosa língua: babélica, plural e aberta.

Pausa. A página está reduzida a um primeiríssimo plano, que agora está borrado pelo sangue que escorre e se espalha rapidamente pela superfície, alcançando letras, palavras e frases. Poucas letras ao fundo ainda podem ser vistas, mas a frase está indecifrável. Nesta cena, ouve-se o riso da didática ecoando pelos cantos, ela se vê em pleno movimento e sabe o quanto

ele precipita a morte para encarnar a vida nova e eterna. E sabe que o texto e sua vida serão recriados pelo movimento que irá se seguir. Na linha da página, que antes era recomeço, agora é meio que começa no reinício de algo. A didática coloca em funcionamento a sua natureza tradutória, desencadeando a subversão das línguas de partida, na medida em que as devora e assume novas incorporações, visando à re-doação da forma.

Um instante antes. Um último segundo se passa. A cena está encerrada, inundada por sangue. Algo feriu nossos olhos. A didática é o riso que faz sangrar. É didática humana, criaturesca, animalesca, escritural, textual, material, vívida, autora-tradutora, infantil, curricular, educadora, Mefistofélica. Algararra. Polifonia. Festa sígnica. Recomeço. Plano aberto. A filha bastarda de Mefistófeles, que entoa o canto vivo da plagiotropia antropofágica e tradutória, celebrando uma DidáticaArtista.

DOCÊNCIA-PESQUISA

no caderno laranja

Claudia Madruga Cunha

Karen Elisabete Rosa Nodari



Rikeme não era poeta, muito menos escritora. No entanto, a seguinte frase, que leu não sabe bem onde, descreve sua visão de mundo: “na vida não há aulas para principiantes, exigem-nos logo o mais difícil”. A frase, que considerava verdadeira, além de lhe despertar um sentimento de injustiça, sinalizava a indissociabilidade entre a aprendizagem e a vida. Por isso, estava sempre muito presente no que fazia, atenta à leitura dos sinais do cotidiano, além de se dedicar em preparar a nova geração para a vida, sendo professora intuitiva. Uma forma de reparar aquele sentimento. No entanto, apesar de toda a sua prontidão, a vida lhe estava desafiando.

Acordou às 4 horas da manhã, de um sono agitado. Andava ansiosa, a escrita da tese há dias sem avançar. Abriu os olhos sob pressão, fragmentos dos conteúdos das aulas dos seminários de pesquisa I, II, III, ... formavam séries que perambulavam em sua mente, a despertaram de um sonho tenso. Uma falaçada, um *puzzle* discursivo, entre pensadores que viveram tempos diferentes lhe assombrava. Freudiana, tinha obsessão por anotar os sonhos para tentar uma espécie de decifração posterior. Escrevia o que lhe vinha à mente na forma de so-

nho, em um manuseado caderno laranja. Nos dias seguintes compunha uma espécie de elucidação de paralelos entre o onírico, o imaginário e o real, entre o que já tinha feito e o que tinha por fazer, avaliava que sonhando avançava. Acreditava que o onírico, o imaginário e o real eram instâncias que se misturam na mente, conclusão a que chegou preparando aulas.

A escrita da sua pesquisa devia tratar sobre a sua docência. O sonho trazia como cenário uma daquelas salas patrimônio da universidade, na qual havia uma mesa retangular de mogno com pés largos e torneados, em torno dela, em cadeiras de assento estofado, se percebia a presença de alguns pensadores de diferentes épocas. Todos tinham sido citados nas aulas de seminário de tese. Alguns deles, ao expor suas ideias levantavam, circulavam em volta da mesa e voltavam a sentar. Retomando essas imagens, ponderou já não saber se quando voltavam à mesa sentavam no mesmo lugar.

Um tal Fernando criticava a ausência de cientificidade em estudos embasados na tradição greco-romana, as impressões subjetivas, pouco críveis. Era o cara da linguagem, preocupado em observar a forma que orientava os discursos, os que se faziam a propósito de dizer do mundo com certo rigor científico, resolveu definir a língua como sistema e objeto de estudo. Bradava que graças a ele o pensamento e a linguagem se separaram, mesmo mantendo uma proximidade intrincada, percebia que a língua possuía um caráter social e complexo. Renan portava uma gravata borboleta, interveio dizendo que a questão que trouxe para o processo de uma pesquisa era primeira em relação a de Fernando, pois envolvia afirmar que a mente raciocina em busca de evidência, não confundir com o óbvio, dizia! Afinal, a mente possui a capacidade de pensar e, portanto, de falar fazendo uso do bom senso, embora se escute muita bobagem filosófica por aí. Parecia irritado e dizia que todos deviam ler suas *Meditações*. Nelas afirmava que tinha um corpo e esse fato concreto de existir corporal-

mente o conduziu ao pensamento do qual se desdobrou o pensar, o ser e o duvidar. Fernando dizia, não adianta pensar e não conseguir se expressar. Reiterou que não estava tratando de falácias, o preocupava que o existir da expressão estivesse ligado a algo coletivo, um sentido que se compunha socialmente sendo afetado pela generalidade, exterioridade e coercitividade do social. Dizia que as pessoas sentem, pensam e fazem aquilo que já é esperado delas pela sociedade. Renan argumentou que, séculos antes, tinha firmado um discurso sobre o método, e de modo solitário, essa solidão que o rondava no seminário de La Fléce o fez duvidar algumas vezes de estar vivo, o que o induziu a instituir a dúvida. A dúvida legou um poder ao pensamento de pensar o “em si de si” e tal poder, dizia Renan, permitia separar o que existia instituído por uma tradição e o que se mostrava aos sentidos do corpo, algo nem sempre passível de ser comprovado.

O que isso tinha a ver com a necessidade de escrever sobre as suas aulas de artes, pensava Rikeme? Ainda na cama repassando o sonho como um filme, tentava entender o que dizia o tal Fernando em contraposição a Renan. Aquele insistia que a linguagem era fruto de um sistema social, dando a entender que a língua não é apenas superior à fala, mas um sistema governado por regras, não simples coleção de palavras ou frases acompanhadas de significados. Misturado às imagens sonhadas vinham recordações do que foi dito pelas professoras de áreas próximas, as que ministravam os seminários sobre pesquisa. Pelas falas, cada uma mostrava uma concepção de pesquisa, embora quisessem afirmar um consenso da linha. Uma delas, a de olhos faiscantes e voz inconfundível, cuja tradução do seu sobrenome era couraça, além de se especializar em criar siglas, defendia que a docência é inseparável da pesquisa e que todo docente ao ensinar, transcreva as matérias que utiliza de modo didático, portanto ensinar é criar. Outra, de cabelos vermelhos, dava bastante atenção à linguagem como método para um estudo da docência, dizia que toda pesquisa começa por anotar comentários,

expressões comuns e análise de documentos produzidos para conduzir o sistema educacional.

Acende a luz, 4h:40 min. Percebe que não conseguirá mais dormir, levanta da cama, encontra seu caderno laranja e começa a tecer alguns registros. Escreveu que linguagem e método perpassam o que se chama docência e pesquisa. Séculos passaram e alguns professores deram suas aulas selecionando conteúdos outros repetindo saberes e informações, sem dar a devida atenção à linguagem, como instância autônoma do pensamento e não como oratória. Professores falam demais há séculos e possuem na forma como produzem seus discursos, traduzem métodos de ensino-aprendizagem. Estranho que os estudos da linguagem só apareçam no final do século XIX e passam a dar conta do rigor pretendido por uma lógica positivista-empirista vinda das ciências naturais, do comparatismo dos neogramáticos. Sendo uma professora de artes, lhe incomoda a obsessão por sistemas de classificação e a influência do pensamento hegeliano e do darwinismo, que contribuíram para formar a teoria de que um idioma é um organismo, com períodos de desenvolvimento, maturidade e declínio.

Ficava reverberando em sua mente, o fato de alguns estudiosos terem inventado um sistema de classificação de idiomas muito semelhante a uma taxonomia de botânica, localizando grupos de idiomas relacionados e os organizando em uma árvore genealógica; o chamado *Stammbaumtheorie* (teoria da árvore-familiar). Demorou-se perplexa a anotar e a pensar que havia uma árvore por detrás do uso comum das palavras e que a linguística científica, em seu desenvolvimento, tomou como base para pensar a linguagem. Ao pensar na escrita do que vem fazendo para dizer de suas aulas de artes, refletiu sobre a relação docência como linguagem, as múltiplas imbricações que resultam em torno dessa aproximação e pesquisa da própria docência vinham transformando e dando novos sentidos ao que fazia. Talvez estivesse impondo uma atenção excessiva à linguagem, filha que é do século XX, da virada linguística na qual tudo vira código.

Enquanto digeriria a ideia de um pensamento arbóreo, outras imagens do sonho atravessaram Rikelme. Viu Fernando voltar a falar e dizer que definiu a língua como objeto da ciência, quando a isolou ou a distinguiu dos demais fatos da linguagem, da língua e da fala. Voltou a pensar nas próprias aulas, nas quais busca criar atividades com as crianças, exercícios que as instiguem a deformar as formas e os códigos. Ao estabelecer toda essa abstração teórica, ficou pensando em como desfazer os nós dos métodos que não observamos, mas, que operam em nós desde a infância, nos regram o pensamento e os sentimentos. Queria libertar as crianças dos pensamentos arborizados. Sentiu-se cúmplice de um processo no qual os pensamentos nos são plantados, em forma de semente, um bulbo no qual já está determinado em que vai se transformar, o que virá a ser, flor ou fruto dentro de nós, alinhando-nos um destino. É preciso romper com as formas de educar sobre a linguagem, e a arte tem papel nisso. Entre a escrita de uma nota e outra, teve a impressão de que o Fernando desprezava o imaginário, esse que ela instiga nas crianças. Essa imagem do sonho, imediatamente, a conduziu à outra parte do mesmo sonho. Agora, Cláudio se manifestava. Estava sentado no canto direito da mesa e do lado esquerdo da sala falava francês assim como, Renan e Fernando. Disse que possuía uma dupla paixão: arte e natureza. Tinha por busca equilibrar algo entre o sensível e o inteligível, algo que estivesse entre o humano e a coisa, como um jogo de mão dupla.

As notas iam se multiplicando no transcrever o sonho, que ganhava mais sentido. Tratava afinal, do que ela queria e não queria produzir e reproduzir. O roteiro onírico parecia ter muito a dizer sobre o que e como pretendia transcrever as próprias aulas. A escrita em fragmentos ia reunindo pedaços, entre prática docente e estudos. Tudo começou quando resolveu registrar sobre o como as crianças vinham se expressando sobre a própria infância, quando trouxe um exercício para a sala de aula sobre esta etapa da vida dos artistas. Tinha feito uma pesquisa biográfica daqueles que iria trabalhar naquele ano, com o objetivo de

fazer a relação entre a obra de um artista e a sua infância. A ideia era que desenhassem e expressassem “a criança do/a” artista, fazendo uso das impressões pictóricas e literárias. Era desse traçado que queria tratar na escrita, cuidando da forma da escrita, do estilo, sem incorrer no risco de se sobrecodificar! Freudiana anotou tudo!

A professora de artes recorda que reage num determinado momento do sonho, após a fala de Cláudio ela se dirige para Creuze e Alegre, também franceses, e pergunta se eles não iriam dizer nada, frente ao debate? Afinal, as afirmações postas na mesa fortalecem cada vez mais a existência de condicionantes do pensamento e da expressão, sejam estas lógicas, literárias ou artísticas. Ambos sorriram e pousando suas mãos sobre as dela, disseram: desligue a máquina, desconecte os agenciamentos e rizome-se!

FILOSOFIA-EDUCAÇÃO DA DIFERENÇA

heterotópica

Deniz Alcione Nicolay

Gabriel Sausen Feil

 **N**uma tarde de outubro, talvez novembro, numa Porto Alegre ensolarada, de carros zunindo na Sarmento Leite, em clima promissor de finalmente “verão”, por absoluto acaso ou por empatia dos tímidos, Filosofia, Educação e Diferença pararam no mesmo grupo para a prova oral do Seminário “O que é a filosofia?”, de Sandra Corazza. Estavam no ano de 2005, no quinto andar da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sala cheia. O Bando de Orientação e Pesquisa (BOP) *mandando ver* naquele *bloco heterotópico de noções* que constituem a ideia de “teoria bopiana”, naquele momento em que, para qualquer um, em qualquer época, o bando se encontra em seu verdadeiro período romântico (sensação extemporânea); todos a viajar na ideia de que ali, naquela bolha, os conceitos nietzschianos-deleuzianos-foucaultianos fazem imediatamente sentido.

Primado da diferença: Esta filosofia-educação é “da diferença” não por estudar a diferença, por defendê-la ou por, simplesmente, ser diferente; mas por colocar a diferença como primado de tudo: o prima-

do é da diferença. Trata-se de uma postura filosófica que vê a diferença não como consequência, mas como condição; não como exceção, mas como regra. A ideia de primado não quer dizer que a diferença venha “antes”, no sentido cronológico, mas que a diferença é a regra mesmo quando o que está em questão é o “igual”, o “não diferente”. O igual nada mais é do que a diferença esquecida, ignorada ou não percebida. Com a noção de primado da diferença, esta filosofia-educação se diferencia não apenas das filosofias metafísicas (afinal, não há mais a imagem de um lado e o simulacro do outro), mas também das filosofias multiculturais, em que os indivíduos são, em princípio, iguais, tornando-se diferentes apenas pelos fatores culturais. Aqui a diferença preexiste, persiste e permanece.

Barroso: Filosofia, Educação e Diferença não eram as inventoras deste nome, mas, à época, eram as únicas a chamarem o Mário's de Barroso. Nas quintas, atravessavam a rua e deslizavam para o bar. O BOP começava na 808 e seguia no sempre quente Barroso, de engradados à mostra, de cerveja no fim de tarde. Um tempo para a tensão e outro para a avaliação. Nesse segundo tempo, ficavam avaliando os acontecimentos e as performances do primeiro, com a esperança de que as coisas fizessem sentido. Faziam mesmo, era tudo real.

Diferença de velocidades ou Composições: A diferença entre algo formado (um objeto, uma fruta, um corpo, uma ideia, uma teoria) e algo não formado (pura matéria) é uma diferença de velocidades. Quando as matérias desaceleram, algo tende a se formar; quando as matérias aceleram, algo tende a se deformar; quando as matérias permanecem em alta velocidade, não há sequer formações. Disso se segue que não há dois mundos, um do *ser* e outro do *dever ser*, mas apenas um único mundo, o do fluxo, o da diferença intensiva, o das matérias em movimento perpétuo, que ora diminuem e ora intensificam a velocidade. Em suma, a matéria que, neste instante, não é nada, é a mesma que, no instante seguinte, pode estar compondo uma forma; do mesmo modo, a matéria

que, neste instante, está compondo uma forma, é a mesma que, no instante seguinte, não é nada (nada de visível, dizível, sensível).

Verdade como ficção: A verdade é uma ficção como qualquer outra, com a diferença de que é uma ficção vencedora de uma disputa. Por ser vencedora, recebe um prêmio: na condição de vencedora, pode carregar, momentaneamente, o rótulo da verdade. Mas isso não tem um sentido pejorativo, não envolve uma crítica à verdade. Tudo o que o ser humano pensa, diz, escreve, canta, teoriza é ficção. Não por uma incapacidade, uma falta; pelo contrário, ficção é o que ele pode fazer. Nada além disso. Por outro lado, não faz muito sentido o fato da ficção vencedora se vangloriar do rótulo da verdade, pois a disputa não cessa jamais, de modo que o seu prêmio, mais cedo ou mais tarde, no próximo instante ou em milênios, dissolver-se-á, diante da inequívoca lógica agonística do mundo.

Mesa de madeira escura: A mesa, com suas cadeiras, ocupa boa parte da sala 808. É imponente, de madeira escura. Contrasta com o *parquet* de madeira clara, com sinteco recém feito. É retangular. Os demais objetos são marginais e periféricos em relação a ela, de modo que permanecem insignificantes. O bando na mesa se debruça em busca da medida certa entre o jovial e o adulto formal; entre a experimentação radical e a sobriedade intelectual.

Artista de vida: Sabedor de que a verdade — seja a científica, a do senso comum, a profissional, a existencial ou qualquer outra — é uma ficção, o artista de vida não se submete a ela; o que não significa que abdique das verdades. Ele se aproveita do fato da verdade ser uma ficção para inventar suas próprias verdades, ou mesmo para se aliar àquelas já estabelecidas que, por ventura, acabam lhe agradando. Como artista de vida, não nega a verdade, apenas a entende como ficção, o que significa que pode ser ora assimilada, ora abandonada, ora feita e ora refeita, entendendo a busca por estilo e consistência como modo interessante de afirmar a singularidade de uma vida.

A professora: A grande mesa central era ocupada por ilustres personagens. Do lado direito, próximo à porta de entrada, sentavam-se um rapaz de óculos com barba escurecida, uma figura calva de tez alegre e dentes salientes e um jovem de braços sempre cruzados em sinal de resistência. Do lado esquerdo, uma senhora de meia-idade com um sorriso solto nos lábios, uma menina circunspêta de cabelo curto e um rapaz de olhar sereno que divagava ao menor sinal de distração. Agora, ao centro, na cadeira que estava na ponta da mesa, era ela que ensaiava a fala. De olhar penetrante e destemido, ela apontava os caminhos, não como verdades instituídas, mas como exercícios de ficção. Suas mãos, por vezes, gesticulavam ao infinito e cada movimento carregava a força das palavras. O fato é que o martelo, artifício nietzschiano, discorria sobre os trabalhos em evidência. Cada trabalho, agendado para o dia x de sua sabatina, passava em crivo contundente rabiscado pelo tom escarlate da caneta debruçada sobre a mão. A voz ecoava na pequena sala, provocando o burburinho dos personagens, quase sempre compenetrados na leitura do texto. Ela, a professora, de comum acordo com o temido bando, afirmava a sentença: “É disso que se trata!”.

A maldição na filosofia: Conta-se que, durante muitos séculos, ela ficou aprisionada no fundo do oceano. Por sua linguagem obscura, sua face sem rosto, seu pensamento sem imagem, sua anarquia coroada, ela foi condenada pelo séquito dos seguidores da ideia-pura a migrar infinitamente pela vasta planície da Eólida. Ainda assim, como pária no mundo dos vivos, sua figura incomodava os altos escalões da Representação, sobretudo, aos bons modos de se fazer filosofia. Reunia em torno de si criaturas estranhas e pouco dadas ao convívio social. Tais criaturas não chegavam a partilhar o saber como uma dádiva, como uma beatitude da graça de Deus. Elas, ao contrário, mergulhavam na noite, no caos-errância do sem sentido e da significação. Nunca afirmavam uma crença ou valor porque, dessa forma, estariam quebrando o pacto da diferenciação, da alegria como afirmação. Havia entre elas uma graça pelo instante

da existência, um encontro *transpensamental* que validava, por si só, a hipótese do erro como ficção. Então, muito antes de ser condenada às profundezas do oceano, vivendo na companhia dos Titãs e de Poseidon, ela distribuiu suas vestes a essas criaturas extraordinárias. E de cada trapo fez-se um clâmide proporcional ao corpo do guerreiro. Sim, porque também se tratavam de guerreiros, de batalhas, de senhores e de escravos. Ela era a bandeira por meio da qual o estrategista assinalava a disputa, sempre avante na busca por novos territórios. E foi precisamente numa dessas batalhas, contra o deus *logos* e a deusa *episteme*, que, derrotada, a fizeram submergir na descrença da opinião e na desgraça do juízo, ou seja, para as águas de *Mnemosine*. Lá no fundo, do sem-fundo da negação, como se o tempo não brotasse de águas impuras, ela provoca os sonhos, a moral e a ordem. E é assim: amaldiçoada, amordaçada, maltrapilha, que ela insiste, persiste e resiste por sobre as consciências civilizadas, como Clóris dançante que acena ao amante Zéfiro rumo ao infinito.

Filosofia-Educação da Diferença é constituída por um bloco de sensações. Ela se conserva à margem do tempo cronológico porque é obra do vivido, do real em si. Ela tem nos encontros a materialidade dos sonhos, os artificios da esperança que renova a cada dia. Ela invoca um feixe de memórias, não como repetição ou retorno do reativo, mas como uma ação produtiva de saberes, ficções, alegrias. Por isso se abre ao campo da multiplicidade, dos devires, porque o ser é aberto às experiências de vitalidade com o pensar. Afirmar o primado da diferença é afirmar o esforço da interpretação, o compromisso com a rigorosidade do estudo, a dedicação pelo objeto (seja ele qual for), o tratamento intensivo e sacrificial pela escrita-leitura. Essa filosofia faz contornar os espaços de significação: do lógico, do dito, do contínuo em proveito daquilo que não assume papel principal e, provavelmente, nunca irá assumir. Afirmar os fluxos e a imanência e, desse modo, se abre para criar o inaudito, o imprevisível, o impensável, o inimaginável. E, se tem a verdade como ficção, é porque não há nenhuma verdade que permaneça a mesma quando

tocada pela arte do simulacro. Por isso, os sujeitos-objetos ganham outras proporções, uma vez que se deslocam pela matéria viva da expressão, pelo contraponto do conteúdo. Nesse sentido, uma mesa de madeira escura, uma sala, cadeiras, personagens, dizem mais do que podem dizer para o olhar abreviado do pesquisador. Ela tem por lema: sejamos artistas das nossas vidas, que possamos criar para além da miséria cotidiana. Nesse sentido, a professora faz a diferença. Ela é a diferença. E se ensina a maldição da filosofia é para conjurar a arte da imaginação, aquilo que permanece sem fazer esforço.

EIS AICE

inascido

Fabiano Neu Pinto



e fato, não se sabe acerca da origem de EIS AICE, mas é bastante provável que a observação da ausência de dados objetivos e conclusivos que atestem o seu nascimento, resulte do investimento equivocado em tomá-lo como uma figura que teve uma concepção formal.

Rumores diziam que ele era fruto de um romance espúrio, e um tanto controverso, entre Didática, a artífice, e Currículo, o deliberado, arditamente arranjado por uma Salamandra-de-Fogo que, invadida pelo tédio, decidira amadrinhar um aliado que fosse capaz de fazer fugir o lugar-comum dos domínios da Educação. Como nada que já andasse sob o sol atendia a tal anseio, a bruxa ígnea achara por bem criar condições de efetuação para o seu intento. Por obra de alguma coisa-feita lançada ao acaso, a Salamandra teria engendrado o momento propício para que os figurões Didática e Currículo compartilhassem o mesmo leito de Aula, mas não sem observar que, a despeito de pertencerem à mesma casa, o par possuía naturezas distintas e posicionamentos discordantes. Dessa conjugação assombrosa de corpos teria saído EIS AICE.

Ainda que polêmica, essa versão costumava ser mais ou menos aceita pelo círculo dos tipos generalizadores, que ansiavam pelo dia em que

o assunto se daria inteiramente por encerrado. Já que da união de dois teria se gerado um terceiro, a ordem das coisas permaneceria resguardada, assim como a paz de espírito, e era conveniente que fosse assim.

No entanto, os tipos meticulosos alertavam que não precisaria uma investigação mais acurada para atestar que essa versão familiarista, de papai-mamãe-filhinho, não se sustentava no caso do nascimento de EIS AICE. Bastaria uma olhadela desprovida de paixão para se chegar à conclusão de que Didática e Currículo jamais poderiam gerar um filho — ao menos do modo como era esperado —, uma vez que as condições genésicas não eram favoráveis.

Outros tipos, os sonhadores, insinuavam que, a valer, eram Didática e Currículo que descendiam de EIS AICE, sendo que o propósito latente dos consortes, na Educação, seria o de ligarem-se a fim de expressar a singularidade de sua ascendência. Desígnio este que teria confluído perfeitamente com os planos da implacável Salamandra.

Um outro desdobramento dessa tese, procedente de uma corrente ainda mais subterrânea de tipos dedicados ao sonho, conhecidos como ensonhadores, dizia que EIS AICE fora o nome dado ao pré-indivíduo do qual Didática e Currículo seriam avatares, ou extensões visíveis, que teriam encarnado, cada qual, um aspecto de força ao serem separados quando chegaram à luz da Educação. O trabalho da antevidente Salamandra, ao promover a aliança das partes disjuntas, fora o de visar, em sonho, a figura larvar que murmurava em meio à virtualidade do campo de forças e, posteriormente, invocá-la ao dar-lhe um nome. Desse modo, individuou-a tradutoriamente. Isso seria quase o mesmo que dizer que Didática e Currículo foram rebatizados no momento de seu intercurso libidinal e que, ao proceder assim, a bruxa levara em conta os rudimentos puramente intensivos e singulares que os constituíam e não a história pessoal de cada um dos enamorados. Assim, ao ser nomeado, EIS AICE teria reslumbrado em meio à Aula, leito de Didática e Currículo, no esplendor de sua incompletude de cópia sem semelhança. Sua chegada

fora o mesmo que uma partida, mas os rastros que restaram vibrantes na atmosfera evidenciaram sua presentificação sem par. Seria desse modo paradoxal que EIS AICE cumpriria sua sina de aliado, mesmo depois que Salamandra repousasse suas cinzas entre os cômoros.

Os ensonhadores eram classificados como desajuizados pelos demais tipos, que alegavam que o seu curvo pensar cutucava o Arquivo com uma vara demasiadamente curta e isso poderia evocar a incerteza em um grau absurdamente insuportável. Aqueles, contudo, vez ou outra defendiam-se trazendo à memória de todos que o propósito da flama salamandriana com o advento de EIS AICE era o banimento do lugar-comum da Educação, e não a substituição deste por uma outra figura estável, mesmo que tal figura se pusesse fantasiada de excepcionalidade e tatuasse no próprio corpo, garatujas que tentassem imitar as velocidades irisadas do caos, imobilizando-as. Os aliados costumavam produzir um vazio de sentido e não um sentido que simulasse um vazio. Deste modo, em se tratando de EIS AICE, largar mão do juízo era a coisa mais sensata a se fazer.

Deveras, o que as narrativas diziam, mesmo sem querer dizer, é que EIS AICE não nascera, e era justamente nessa condição de inascido que, ao que tudo indica, residia sua vitalidade. A sua compleição incerta de ente molecular, portadora de uma espécie de neotenia — que, curiosamente, era própria das Salamandras —, parecia tomada de uma vigorosa eficácia operatória, a despeito do estado larvar no qual se expressava. Desse modo, mesmo habitando uma imperceptibilidade, ele seria efetivo em instigar potências de agir e criar. A porção que faltava de realidade em EIS AICE, em termos de concretude, era produzida incessantemente pela imaginação e linguagem daqueles que se viam impregnados pela sua presença enigmática e arrastados para o seu jogo. Porém, tais produções complementares nunca eram determinantes. Toda vez que uma camada de sentido se espessava, EIS AICE já havia saltado para outro registro. Se ontem ele parecia ter pernas, hoje aparentaria ter chifres e amanhã, possivelmente, teria asas. Ao entrar em variação, ele desencadeava processos

que ocasionavam tremores e movimentavam as bases da Educação.

Em decorrência da instabilidade de EIS AICE enquanto ser, não eram raros os tipos que ensaiavam a composição de um réquiem para o seu fim. Mas como cantar a morte de um inascido? A sua inegável existência era a de um porvir que nunca teve, definitivamente, um termo.

ESCRILEITURAS

a informe

Ester Maria Dreher Heuser

Silas Borges Monteiro

Em um canto do universo, entre inúmeros sistemas planetários, havia um planeta em que seus habitantes foram divididos em espécies, por total capricho do acaso. Tudo, nele, foi composto pela força da colisão da matéria. Por demasiado *quanta* de *pōtentia*, a eterna ampulheta da existência, que o acaso vira e virou, fez devir da poeira rizomas anímicos, de movimentos retilíneos-desviantes, a *fors* — que primeiramente é acaso, acidente —, ser *fortis*, porque forte, potente, poderoso, mas igualmente é *fortuna*, pois destino, sorte, ventura. A *pōtentia* da colisão criou o vir-a-ser. Foi nesse instante de tempo que, em eternidades de eternidades, uma espécie veio a ser *figūrātio*, como se diz desde esses tempos imemoráveis: forma-Humano. Essa *figūrātio*, com sua *pōtentia* de crescimento, experimentou o mais essencial de seu devir: a ausência completa de sentido, pois disso era ela feita. A pura expansão, advinda de projeto algum de qualquer alguém, fez uso de outras matérias, como a da forma-Humano; entre essas matérias-em-forma, escolheu aquelas que tinham *punctillum*, pois são elas que tem a *pōtentia* de *pungo*, capazes de esporear e furar. Quando encontraram *scrūpūli* — pois pedras com ponta afiada sulcam —

não hesitaram em friccioná-las contra outros suportes: parede, couro, bambu, papiro, pergaminho. Esses traços, sem forma, γράμμα, caracteres, com a *pōtentia* de *pungo*, gramaticaram a imaginação. A ambiguidade, de que toda força é, fez vir a ser outra figuração, a de uma onipotência, nascida da imaginação delirante, cujo sentido é dar sentido. Essa gagueira do sentido-que-dá-sentido figurou a forma-Deus. O tempo mostrou que tal figuração é feita de forças que tendem à inércia, pois consiste em vontade de sentido último e absoluto; sua marca: a busca de um sentido por trás, um sentido do sentido; o alvo: sufocar o γράμμα e sua gramatologia. Tiveram sucesso, muitas vezes. Mas a escritura e o livro por vir sempre escaparam.

Se a *pōtentia* de *pungo* encontrou na *pōtentia* do vir-a-ser sua extensão de maior afeto, a instabilidade do suporte encontrou solução no “papel de escrever”, nome atualizado para o grego βιβλίον. Ao suporte criado pelos egípcios, desde os talos da *Cyperus papyrus*, os gregos deram o nome de βίβλος. Se inicialmente o nome era dado apenas para o produto da planta importada do Egito, βίβλος veio a ser usado para papiro, tábua, carta, correio ou qualquer suporte disponível. Na era do *Big Data*, o *tablet* poderia ser chamado de βίβλος. Assim não é porque o nome foi roubado pelo cristianismo, que chamou a coletânea de sua mitologia de *Bíblia*; uma desfaçatez, por certo. Quando o suporte, βίβλος, recebia a função de circunscrever uma área para encontrar-se com a *pōtentia* de *pungo*, ele se tornava βιβλίον. Como a *figūrātio* vinha a ser plural, a simplificação arrogante criou duas predicções: ἀγραμμάτος, os iletrados, e os γραμμαῖται, ou escribas, pois usavam as rasuras comuns aos forma-Humanos, traço que foi chamado de γράμμα, donde provém o conjunto de sinais conhecido por alfabeto. Essa figuração da figuração escreve-e-lê. Um argelino, nascido antes do *Big Data*, mas bem depois dessa eternidade da eternidade, chamava-os pelo nome de *tradutor*. Designação complexa que, além de reunir em um só ato a *pōtentia* de *pungo* das *scrūpūli* em βιβλίον, que com γράμμα tornou-se

γραμμαῖταιον — aquele que escreve e devém escritor —, fez a força expandir para afetos alegres entre o suporte, o traço e o tradutor. Há um nome mal utilizado, φιλία, que fala de amor e de amizade, mas de outro tipo, cerebral; os amantes da sabedoria esqueceram que o impulso ao saber é tão bárbaro quanto o ódio ao saber, como escreveu um jovem professor de filologia clássica da Basiléia; padecem de μισόσοφια. A forma-Humano não mais quis ser demasiado humano. A *pōtentia* quer expandir para γραμμαῖταιον, pois quer *escrevler*, *escreleiturar*.

Corria a quinta década da era do *Big Data*, quando a forma-Deus era nada mais que uma fraca miragem rumo ao desaparecimento completo, e a forma-Humano — composta por forças de imaginar, de conceber, de querer, de recordar, de inventar, de sedimentar... —, com a existência ameaçada, queria manter-se a todo custo, apesar de sua finitude e de seu traço peculiar de aprisionadora da vida. Por instinto de sobrevivência, ela era forçada a dobrar-se sobre si e compor-se com outras forças; sabia que sozinha nada poderia contra as estruturas de código aberto — o *Hadoop*, o *Spark* e a Internet das Coisas (IoT) fácil, fácil a desbancariam. Com as cintilações dos olhos de Ἔρως, o deus do amor, e suas flechas afiadas em favor da forma-Humano, ela compôs-se com as forças do silício e dos agramaticais. Ἀντέρωσ, o divino adversário de Ἔρως, chegou tarde demais e não conseguiu desviar aquelas forças do olhar e das flechas do seu oponente, finalmente elas puderam vingar-se do carbono e do significante. Entre *fors* e *forma*, uma operação de superdobra, com efeito de tripla hélice, aconteceu. Um composto de novas forças deu vida a uma insólita composição: *Escreleituras*, a informe. Agora, misturada ao informe, a forma-Humano engendrou maneiras de atuar no universo *cyber*: deu sobrevida ao seu hábito desbótico imperial de ler-e-escrever, no entanto ele já não era mais o mesmo, não poderia mais ser o hábito do Mesmo, pois instalou-se em meio ao hipertexto, nas regiões que portam problemas ainda não formulados, tornando-se capaz de revelar aspectos dos seres que estavam ocultos e abrir circuitos

inéditos de pensamento. Com o surgimento de Escreleituras, nem a leitura nem a escritura mantiveram suas posições de origem, aquela submetida a esta. Também não se deu uma inversão hierárquica, mas uma horizontalidade quase confusa em que simplesmente entra-se num processo de escrita-pela-leitura e de leitura-pela-escrita, ao ponto de não importar o que se é e onde se está; trata-se, pois, de simplesmente devir: processo relacional indissociável entre leitura e escritura e teoria e prática e presente e passado e futuro e virtual e atual; e... e... e... disjunção inclusiva; infinda conectividade entre heterogêneos; movimento turbilhonar.

Espaço liso que é o universo *cyber*, Escreleituras escapou da Península Ibérica sem obstáculos; flanou sobre a Cidade-Luz como *écrilecture*; encontrou *diffusione libere* como *scrilletori* na Cidade Eterna; extenuada com verdades não postas em drama, com raiva imensa do arcaísmo dos textos-burocratas que acham que leem e que escrevem, lançou-se ao mar para ancorar em terras tupiniquins. Na mesma noite em que aterrou, foi para a fogueira, sem opor resistência. Afinal, o processo genético que a constituiu ensinou-lhe que só a antropofagia nos une escreleitoralmente, que a questão está em devorar o que lê ou não escrever de jeito nenhum! Tentaram prendê-la com metas e métricas. Já era tarde. Na terra do pau-brasil, com a cara em brasa, cantou aos sete ventos o seu Manifesto *della scrilettura cannibale* que se fez ouvir da Chácara das Pedras à Cidade-Baixa, até escorrer no Guaíba, chegar em Satolep e então fazer-se vapor, aproveitar a frente fria, chover sobre as parcas Araucárias que ainda restam no chão vermelho disputado pelo agro, que de *pop* nada tem, e, finalmente, converter-se em fluxos de calor sobre a Cidade Verde do rasqueado. Fluída, chegou a escolas, pátios, bibliotecas, salas de aulas, grupos de estudos, *chats*, cadernos de notas, diários de bordo, tecendo redes — atuais e virtuais, todas reais — fazendo nascer um novo tipo antropológico incapaz de não agregar — pesquisador-professor-estudante-leitor-escritor; um tipo de ser coletivo que só funciona mediante

agenciamentos: um escrileitor, produtor-tradutor de significações, de sensações, de sentidos múltiplos e provisórios, de conceitos, de vida; zerador de Eus em favor de Nós; inventor de maneiras de ser, de estar e de enfrentar as coisas em conjunto, em rede. Rede que não aprisiona, que acolhe, faz laço, ata, desata, deixa ir e vir quem quer desfrutar o infinito júbilo de trabalhar, dramatizar, viver e sonhar juntos.

METODOSOFIAS

maquinatórias

Róger Albernaz de Araujo



Metodosofias. A gente tem vontade de quê? A gente parece não saber bem, problematizo. Andamos tropeçando em “gias”. Andamos tropeçando em. Ideologias. Simbologias. Epistemologias. Metodologias. Mas, a gente esbarra também em paredes outras, muitas vezes ocas, outras movediças, sem falar no que pode vir com a noite para puxar nossos pés. Ensinar e aprender. Teoria e prática. Os estudos e os tratados. Conhecimento. Do método à metodologia. Muitos buracos. Percalços, cadafalsos, luzes e escuridões. Primeiro o método. No Latim o *Methodus*, indica um caminho para ensinar; alguém ensina, alguém aprende. Prescrições. Juízos. O que perguntar? Como perguntar? Vem antes. A resposta comprova a pergunta; prova a certeza e a verdade da palavra de ordem travestida em dúvida que nunca existiu. Pelo menos não para quem tem a posição de perguntar. Persequimos metas. Julgamos e validamos. Não nos afastamos do caminho. Oramos à verdade. Isso ou aquilo. Paraíso ou inferno. Bom ou mal. Devemos ser bons. Meta que se deve. Devedores estamos, somos, seremos. *Hodos* que define o caminho, a verdade e a vida. *Logos* que assina, publica e divulga. Tratados. Rigor do estudo. Altar. Palavras sacras. Verdades e definitivas.

Eixo do “x”. Eixo do “y”. Um ponto. O círculo dividido em duas partes. Norte ou sul. Dividido outra vez. Base dois. Quatro. Um quadrante que divide para garantir o círculo. A lógica é par. O ímpar, erro. O primo, aberração, monstruosidade, disparate, besteira. Mais vale manter o par, mesmo que distante, do que arriscar o ímpar, mesmo que tão próximo. Há sempre um modo. Que para a verdade são dois. Um que garante a meta de permanecer no caminho. Bem. Um que provoca sair do caminho. Mal. Método. O bom segue o método, o mau desafia. Quem julga? O tratado! O tratado como verdade, torna-se verdade de fato. Contrato. Dupla implicação duvidosa: credor ou devedor? Consciência ou remorso. Dupla implicação punitiva. Mas, o que garante os modos contratados? O tratado. Consenso, verificação, validação. Conhecimento, juízo, verdade. Na sociedade: justiça, julgamento, lei. Na aula: currículo, docência, pedagogia. No casamento: amor, fidelidade, ciúme. Na academia: pesquisa, metodologia, rigor. Na moral: o certo, a consciência, a culpa. A moral torna o artigo definido. O objeto factível. Verdade. Sem a dúvida, nasce o erro, o ressentimento, a dor. A sala não está vazia! Não há espaço desprovido de verdades e de regras. *Logos e Hodos*. Tratados e contratos. Metodologia.

E, a gente tem vontade de quê? Da felicidade? Da verdade? Do paraíso? Ideal, tratado, contrato. Ideologia. Conhecimento, rigor, norma. Metodologia. E a dúvida? Essa, precisa ser excluída, debelada, enxotada. Na sociedade, a lei. Na aula, a pedagogia. No casamento, a fidelidade. Na academia, o rigor. Na moral, a culpa. E, o inferno mora ao lado! As mil vozes continuam a atormentar o sossego, a desafiar o consenso, fazer diferir o igual, o comum, a similitude. A metodofilia é infernal, ao modo Corazza. É um bólido que atravessa a metodologia, em um percurso de errância que ocupa o momento que potencializa a criação. Enquanto a metodologia é o caminho para alcançar as metas planejadas e objetivadas, a metodofilia é o desejo manifesto e criancioso; afirmativa, é um modo de dizer um sim a aula, a pesquisa, a vida. En-

quanto a metodologia reflete suas máximas em propagação circular do centro para as bordas, do tratado ao contratado, reafirmando a cada vez, e mais uma vez, o dito, a metodofia experimenta o descaminho, a invenção, o inusitado. Enquanto a metodologia se mantém ereta, arborecente, apolineamente estável e posicionada, a metodofia rola pelo chão, dionisiacamente instável e a-posicionar. Enquanto a metodologia neurotiza o saber e busca a cura no divã do modelo em que “x” cruza “y”, a metodofia esquizofreniza com a sabedoria de quem deseja experimentar a saúde, quando “z” transversa linhas quaisquer.

Há, sem que isso seja um objeto oculto, uma necessidade, uma obstinação pelo conhecimento verdadeiro, puro, austero, desprovido de qualquer suspeita. A metodologia se torna o elemento que julga o verdadeiro, nutrido de valor e rigor, e por consequência nomeia o falso que não pode ser valorado e, cujo rigor é contestável. Assim, parece que tudo passa a ser uma questão de conhecimento, e o conhecimento só tem valor se puder ser valorado, se for útil, se for consumível. No caso, a metodologia de ensino, a partir de suas métricas $[f(x,y)]$, funcionaliza suas lógicas, cujo resultado é o rigor científico, racionalista e inquestionável $[f(x,y) = \text{“verdade”}]$. Mas, a verdade já estava lá, a resposta já estava lá. O que a metodologia faz é dar a conhecer o que ela já conhecia, mas precisava provar. Assim, por exemplo, a metodologia de ensino acaba por substituir a didática, afinal esta representa o elemento impuro que não garante uma verdadeira pedagogia. A metodologia de ensino toma esta posição de elemento organizador, de general, que a didática não dá conta. Assim, a metodologia de ensino passa a garantir os modos de aprendizagem, conforme a verdade de ensino que funcionaliza $\{\text{Aprendizagem} = [\text{metodologia de ensino} = (f(x,y) = \text{“verdade”})]\}$. A verdade já estava lá, mas o que a metodologia de ensino faz, é provar o que já conhecia, definindo e estabelecendo os caminhos que levam ao olimpo da aprendizagem.

Destarte, e por similitude dogmática de representação, a pesquisa consome o que a metodologia de pesquisa funcionaliza, a partir do

objetificado. A sala da pesquisa, também não está vazia, pelo contrário, está lotada de verdades, certezas e correções, cumprindo o contratado vigente que é o início e o fim em si mesmo. E, com a vida? Temos uma metodologia de vida? O que e quem funcionaliza o que temos em vida? Quais os valores objetificados que nós consumimos, enquanto consumimos com a vida?

Sandra Mara Corazza forjou a ferro e fogo, na própria carne, algo que pretendia problematizar. Por que não podemos ser alegres com os modos a-traduzir? Por que nos tornamos reféns das traduções dadas? Por que consumir desenfreadamente o traduzido, quando há um infinito a-traduzir? Sandra, irrequieta, irreverente, irritantemente metodósfica potencializa o pensamento que deambula e contamina a ideia e o ideal de verdade. Uma metodofia, como Sandra poeticamente abstraía, coloca o idealismo e a ideologia de “calças curtas” e “com a bunda de fora”. Um maquiavelismo metodósfico de jogar a metodofia ao mundo “para todos e para ninguém”. Seria o desejo roendo as margens das metas e dos objetivos? Seria uma vontade de perceber outros modos, outras maneiras, outros percursos, além daqueles já ditados? A metodofia seria, então da “turma” do diabólico; algo ou alguma coisa que poderia tensionar o simbólico, o dialógico, o pedagógico? Seria a metodofia um personagem infernal? Possibilidades. Transcriar o criado, transvalorar o valorado, poder se perder nas dramatizações, enredar-se em mapas moventes? Assim, a metodofia de Corazza foge do modelo matemático, escapa das regras da lógica formal, tensiona o conhecimento da verdade e rola seus dados em uma aventura de sabedoria.

Metodofia, é uma provocação, um desejo de tocar em matérias ainda não tocadas; é uma metadocaose do não sabido ainda e, portanto, um gesto aventurístico em meio à vida. Uma sabedoria feminina que devém por entre os escombros de um conhecimento masculino, que mesmo em erosão contínua resguardando os muros dos castelos e erguendo bandeiras nos escombros dúbios e taciturnos de suas cidadelas.

A verdade se traveste de conhecimento, e o conhecimento dita o caminho. Se a religião judaico-cristã declara sua fé: “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (João, 14:6), do mesmo modo a metodologia declara em sua cientificidade: eu sou o modo, e o rigor, e o conhecimento; ninguém vem a academia, senão por mim. Uma metodofia transativiza três aspectos de um mesmo movimento: ora, um personagem rítmico, ora, uma paisagem melódica, ora um conceito. E, tudo outra vez! Sandra, Sandra, Sandra.

POESIA

declamante

Maria Idalina Krause de Campos

Marina dos Reis



lorice e Clarbela nasceram na década de noventa, sob a lona do Gran Circo Trupeniquim. A mãe era malabarista do sertão de Pernambuco; o pai, palhaço da trupe das bandas do Uruguai. As siamesas vieram ao mundo num dia eclipsado. Tal fenômeno fora previsto pelo oráculo de Ardrópise, Deusa para a qual a mãe prestava homenagens todas as sextas-feiras, para que a gestação vingasse. A Velha Tintorella, cigana que acompanhava o circo há treze anos, sinalizara em seu baralho espanhol uma urdida nascitura a qual traria muitas alegrias ao povo do circo.

Deu-se tal liga, de modo que ambas vieram coladas. As recém-nascidas, para espanto dos médicos, possuíam uma anatomia aberrante, mas que funcionava muito bem: dividiam as mesmas vértebras que se bifurcavam em dois pescoços, duas cabeças, dois braços e duas pernas, duas espinhas dorsais, três pulmões, dois corações, um fígado, dois estômagos, três rins, um sistema circulatório e excretor para ambas, e o órgão sexual também em comum.

A dupla boca era alimentada pela mãe, nos dias quentes em uma rede e, nos dias frios, num sofá coberto de pelegos. Mas independen-

temente do clima, a mãe estendia de uma estaca a outra um varal com livrinhos feitos de papéis dobrados onde estavam poemas que escrevia, aquilo que mais tarde os críticos chamariam de literatura de cordel.

A genetriz, enquanto amamentava alternando as fomes, estendia um braço para arrancar ao acaso algum dos versos que recitava às filhas — em redondilhas, décimas — e inventava novas rimas. Findo o poema, trocava de boca e de seio até que ambas ficassem empanturradas de leite e de rimas. Quando o clima não era nem quente e nem frio, a mãe dava-lhes os seios nos arredores de onde estivessem e, enquanto as meninas sorviam o leite, ouviam em prosa velhos causos.

O pai, por sua vez, para que as meninas arrotassem — vez ou outra acompanhava essa empreitada da progenitora — as erguia, ou melhor, erguia o corpo de duas cabeças, alçava-o no colo enquanto recitava sonetos de Florbela Esplanca. Nos dias de frio extremo, o pai as levava até o picadeiro, e movia-se lentamente dando tapinhas nas costas enquanto a mãe colocava mais lenha na fogueira, e ao criptar do fogo amarelo-azul lia um livro que ganhara de um admirador, chamado Água Viva.

O circo acolheu tais infantes e, mesmo em uma época na qual a medicina descobria as mais elaboradas formas de se romper aquilo que a natureza costurou, não houve qualquer discussão por parte dos pais ou da trupe sobre uma possibilidade cirúrgica que viesse a separá-las. Afinal, eram elas aquilo que um circo poderia ter feito de maneira artificial, unindo de arremedo duas irmãs e delas feito siamesas, mas estas não eram uma farsa, eram de fato uma e duas, ou duas em uma. Ainda jovens, Florice e Clarbela aprenderam a sincronizar seus movimentos de pensamento e a coordenar todas as suas ações, para que funcionassem como um organismo preciso; assim brincavam espiando os animais, rindo com os mágicos, chorando com medo dos anões e dos palhaços, galopando dromedários, servindo de mulheres-bala-duplas, ou mesmo acompanhando a caixa do mágico, que cortava duas cabeças em um corpo só, para desbunde da plateia.

Assim, desde tenra idade demonstraram excepcionais habilidades circenses, a ponto de aprenderem não apenas a tocar o realejo para anunciar os espetáculos, como também a nadar na piscina gelatinosa, a andar de monociclo e a se pendurar no trapézio. Detinham dicção pitoresca para os versos que recitavam entre os espetáculos. Clarbela, voz rouca, lembrava um coaxar, já Florice detinha um Dó agudo que usava como uma sirene a cada vez que finalizasse seus poemas.

Era certo, porém, que muitas vezes se estranhavam, e as brigas ocorriam quando Florice fazia questão de recitar poesias em espanhol correndo sem roupas e em círculos no picadeiro, mesmo tendo em si Clarbela, que berrava em desaprovação à tal atitude de afronta ao seu humor pudico. Todavia, Clarbela detinha uma outra mania: fascinação por encontrar e esmagar baratas. Em sua ronda noturna, quando as capturava, fazia ares de quem sorvia delícias e as comia devagar, o que fazia com que Florice revirasse os olhos, debatesse as mãos e vomitasse a iguaria até o amanhecer.

Aos dezesseis anos, comemorados em uma cidade praieira, onde o circo fincou suas tendas por dez, o traseiro do trapezista daquela cidade encantou Florice. Então Clarbela passou a desejar amar um dia. O caso não durou uma sétima: como dividiam a mesma cintura, e as carícias próprias de namoricos às escondidas causavam cócegas em Clarbela, que gargalhava com Florice. Por fim, o trapezista enxovalhou-se com as profundas risadas clarbelaneanas e acabou fugindo no mês seguinte com um bando de vendedores de tapetes mágicos que saquearam as joias da adestradora dos elefantes.

Mais uma vez, Florice e Clarbela voltaram a conviver como se fossem uma só Vida. Todavia, Florice, consternada com a partida de seu pretendente, atribuiu tal fuga à estridente e vulgar gargalhada da irmã, que não deixava de se defender: “Mas porque você ria junto, e tão agudamente que não notara que a sua risada era tanto ou mais escandalosa que a minha!”, coaxava Clarbela.

O alfineteiro humano, neto de Mirin Dajo que fazia apresentações esporádicas no picadeiro do Trupeniquim, contou que vinha acompanhando o crescimento das siamesas com curiosidade e espanto. Dajinho, assim chamado pelo bando, era também vidente e profeta. Uma noite, após ter engolido uma espada de aço em uma de suas mais ousadas apresentações, e ainda cuspidando sangue, ergueu os olhos na noite sem estrelas, quando passou um bando de aves contra a noite que lhes revelaram algo que desconhecia acerca das siamesas: porque nasceram nem antes e nem depois, mas ao mesmo tempo, tudo o que faziam até certa idade era síncrono, inclusive os sonhos, com os quais guiavam suas decisões. Então Dajinho sentenciou em seu último suspiro: “Mas os pesadelos aconteciam em diferentes tempos: quem os sente e acorda em prantos é Florice, mas quem os conta pela manhã é Clarbela! Reparar e verã!” E caiu com a cara no saibro levantando serragem.

O circo seguiu seu itinerário percorrendo o continente do Oiapoque ao Chuí, montando e desmontando sua tenda de lona. As poetas traziam uma trança que unia em uma só as cabeças, e ajudava a acertarem os gestos das cabeças. Percorreram os descaminhos com o circo dentro de uma Kombi 74, por elas comprada e onde montaram uma biblioteca de cordéis. Quando o circo dava folga, saíam pelas noites com sua biblioteca móvel e recitavam seus poemas não sem causar espanto e atrair quem mais queria ver monstros do que ouvir poesia.

A última noite das gêmeas foi, em verdade, o último dos dezoito dias em que Florice permaneceu viva, apenas com uma cabeça, a sua. A outra havia sido decapitada por conta de uma falha na apresentação da caixa mágica: alguém trocou a adaga de papelão e celofane por uma cimitarra mui afiada. De um lance só e sem dor ou sangue, o mágico dá o golpe fatal em Clarbela: a cabeça rolou duas vezes e meia, e parou no meio do picadeiro com um dos olhos abertos e a boca mordendo a língua. Toda a plateia horrorizada evacuou achando a cena por demais realista. O circo inteiro fugiu, exceto a bailarina e sua foca,

que pegou a cabeça e a enterrou na mesma noite sob uma charneira.

Florice chorou muito, mas alegrou-se pelo fato extraordinário de que do pescoço de sua irmã nada mais acontecia e que, portanto, ainda vivia — Ah, essa alegria estendeu-se como fumaça! Florice fazia de conta que tudo era trapaça. Mas um pouco disso lhe agradou de imediato: começou a namorar firme um beato. Do pescoço vazio, borbulhavam bizarros sonhos e uma cabeça sem corpo — aonde nada mais reluz — tremia ao lado do leito.

Eis que Florice contou em poesia seu feito: Daquela cabeça pode ela ouvir os mais incríveis preceitos / de amor, de ódio e de ouro, as pestes as curas e os novos poemas / Porém, mesmo seduzindo o fantasma, não lhe couberam mais dias na Terra / Florice simulava: me chame Florbela / Todavia, à Morte, um nome não foi capaz de enganar / Dezoito dias depois de Clarbela, foi-se Florice desencarnar / esvaída da vida / derribado pesar solitário / caída como um corpo morto cai

PROFESSONHADORES

os afrontosos docentes observados

Larisa da Veiga Vieira Bandeira

Polyana Olini



s documentos que corroboram a existência de Professonhadores são escassos, pois é dada preferência aos registros da existência dos que não sonham, não vibram, não “questionam os próprios limites” e não “problematizam o que fazem”. Os ministros escrevem sobre eles com dezenas de erros de português em suas postagens e declarações oficiais, e afirmam a seu respeito: “— Hoje ser um professor é ter quase que uma declaração de que a pessoa não conseguiu fazer outra coisa”. Apesar disso eles são insistentes, talvez um deles esteja oculto ou disfarçado muito próximo de você, e, mesmo que precisem escamotear para seguirem sonhando, é quase certo que nessa altura dos ocorridos eles inventaram outras formas de produzir suas docências. Quase sempre disseminados e pulverizados, quando agrupados em um mesmo espaço educacional são considerados infernais, articulam, produzem coletivamente, batem panelas em frente aos palácios. Os registros sobre a possível existência de Professonhadores aqui reunidos, entrelaçados e reformulados são oriundos de pistas consistentes, mas obtidas de forma duvidosa. A tradução dessas pistas segue o traço deixado por um antecedente textual

que as invade, um dos escritos de uma Professora mágica, uma mestra inesquecível.

A primeira pista chegou em nossas mãos por meio de um compartilhamento descuidado no WhatsApp. Trata-se de uma mensagem de e-mail que uma família de bem havia enviado para a gestão de uma escola, questionando sobre a permanência de um dos Professores nas atividades de ensino. Destinada ao Sr. Diretor, a mensagem dizia: “Na condição de cristãos acreditamos que a Bíblia é a palavra de Deus, um guia fundamental para dias turbulentos como estes que vivemos. Dentro desse contexto e como cristãos que somos, chamou-me muita atenção uma questão da prova de história aplicada essa semana na turma do meu filho. A questão abordava o evolucionismo e a resposta considerada certa na prova contrariava ao que chamamos de teoria do criacionismo. Como cristão e como alguém que busca estudar a bíblia, não reconheço a teoria “darwiniana” como verdadeira, por um simples motivo: a bíblia nos diz o contrário. Aceitar a teoria da evolução de Charles Darwin é reconhecer que os macacos foram nossos ascendentes, ao passo que a bíblia nos diz que fomos criados por Deus, à Sua imagem e semelhança. Apesar de mesmo dentro do cristianismo haver religiões que interpretam a bíblia de forma diferente, sob alguns de seus aspectos, ao usarmos o princípio hermenêutico não podemos, de forma alguma, crer de que ela nos ensina sobre o evolucionismo. Ficamos orgulhosos de que nosso filho, durante a prova, questionou o professor de qual resposta poderia ser a correta, pois nenhuma delas traduzia o que ele tem aprendido em seus estudos da bíblia. Gostaríamos de dizer que nos parece conflitante a escola aplicar uma prova cuja resposta tida como certa não é bíblica, certamente não há hipocrisia, mas talvez exista desconhecimento. O livro de Gênesis esclarece essas questões. Como família cristã, gostaríamos de entender qual é a real crença da escola, bíblica ou darwiniana, bem como se a questão referida na prova de história reflete ou não os princípios e crenças da escola.

Como família acreditamos que o cristianismo tem sido fortemente questionado e até combatido em muitos momentos dentro da sociedade atual e, dessa forma, precisamos nos manter firmes em propósito e fé. Entendemos agora a resistência oferecida por esse professor em utilizar uma prova de múltipla escolha como instrumento avaliativo, ficaria evidente o papel dele no seio da escola cristã. Utilizar outras formas de avaliação como seminários e fóruns auxiliavam esse professor, através da discussão, a deturpar ideologicamente e plantar a semente do mal na cabeça dos inocentes. Agora que a comprovação de seus objetivos dentro da escola está escrita e não dá margem à dúvida, solicitamos em nome da família e dos bons costumes seu imediato desligamento, evitando assim que a sua presença continue a instigar as crianças com pensamentos e conteúdos inadequados”.

A segunda pista é resultante do relato furtivo de um vizinho curioso e atento às vidas que não vive — essa fonte afirma dividir o mesmo andar no prédio com alguém fortemente suspeita de ser uma Professora. Eu moro aqui há 32 anos, desde os meus 15 anos conheço todo o tipo de gente de bem e do mal. O prédio é simples e pode atrair gente estranha porque os aluguéis são baratos, mas elas não duram muito tempo aqui. A gente dá um jeito de tirar as pessoas não-familiares do condomínio. Ela alugou o 221 antes da pandemia, como é professora fiquei tranquilo que não teríamos problemas, mas logo vi que ela era bem estranha. Umás três vezes esqueceu a chave pelo lado de fora da porta, como se não tivesse medo dos outros, ou só porque é do tipo distraída e descuidada mesmo, ou coisa pior, porque pode estar usando drogas. Sai cedo de manhã e volta no final da tarde e duas vezes na semana, nas terças e nas quintas, chega às vinte e três horas. É nesses dias que acontece de esquecer a chave pelo lado de fora. Chega muita coisa aqui que ela compra da internet, deixo tudo na frente da porta do apartamento, na nota fiscal diz que é livro, mas vai saber, quem vai ler tanto livro se não para em casa? No final de semana vai na feira com uma sa-

cola de pano, mas traz vinho também. E bebe, porque eu vejo a garrafa no lixo seco na segunda-feira. Canta alto e bem desafinado no domingo de manhã, mas sempre tem música tocando. De vez em quando vinha uns outros professores visitar. Uma vez ficaram até tarde, estavam organizando uma gincana, daí no final de semana vieram de novo fazer concentração aqui antes de sair para uma passeata na rua. Aí fizemos um abaixo-assinado para que essa balbúrdia não se repetisse. Na pandemia ficou mais estranha. Nos primeiros dias ficou um silêncio total. Acho que ouvi ela chorando algumas vezes. Saía com a sacola cheia de livro e folha e demorava para voltar, umas crianças e uns jovens mal-encaçados vieram aqui também procurar ela. Mas quando as aulas remotas começaram ela começou a colar cartazes no mural da recepção pedindo doações de celulares velhos, depois de computadores estragados, hoje já tem um grupo que distribui cesta básica, máscara, absorvente, como se o problema fosse de todo mundo que essa gurizada, filho de família desestruturada, quer gastar o dinheiro que tem com outras coisas. E ela pensa que só porque dá essas aulas no computador todo mundo precisa ouvir quando ela dá bom dia, quando pede para abrirem as câmeras e quando quer saber o que houve com cada um que não está na aula. Devia ser proibido professor perguntar da vida dos alunos e devia ser proibido não ter aula na escola durante a pandemia, ficam nessa moleza, os professores e os alunos, os professores que já tinham duas férias no ano, agora tem moleza o tempo todo. Depois o ministro fala do salário dos professores e eles acham ruim, mas trabalhar não querem. E essa coisa de internet só piorou tudo, ficam inventando coisa para gente que não é aluno perder tempo também. Ela e umas amigas estão dando aula de Escrita Criativa, se isso não é coisa de quem não tem o que fazer eu já não sei mais nada. Sei porque vi um anúncio no WhatsApp do prédio dizendo que era de graça e a aula era uma vez por semana. As gêmeas do Eduardo estão fazendo, estão com 15 anos, eu avisei, depois se virarem umas comunistas pervertidas, não vai ser por falta de aviso.

Até a minha mãe assistiu duas aulas e gostou muito. Aí tivemos um problema com a internet e o sinal fica muito ruim de noite e ela não pode mais assistir as aulas. E então ela veio aqui trazer um livro para a minha mãe ler. Veio de máscara, álcool gel debaixo do braço e o livro estava embalado em papel pardo. Ela piscou para a minha mãe quando entregou o pacote, e disse que era bom ter tido uma professora no curso também e que estava feliz em ter a minha mãe na aula e que poderia rotear a internet da casa dela para que a minha mãe assistisse a aula. Minha mãe aceitou. Minha mãe tem 73 anos, foi uma professora primária das melhores, num distinto Grupo Escolar, que agora é uma Escola Municipal, até o dia em que eu nasci, depois meu pai pagava as contas e ela me criava. Minha mãe foi professora, seus ex-alunos sempre que a encontram lembram dela com respeito e carinho, mas ela não é professora mais. E não precisa ser lembrada como professora. Ainda mais por uma professora desse tipo. Minha mãe leu rápido o livro, era fininho de capa azul, com uma gravura antiga na frente, o nome do livro era *Uma Vida de Professora*. Não conseguia ler o nome de quem havia escrito, ela lia perto do computador e depois guardava no quarto. Depois das duas doses da vacina, minha mãe começou a encontrar outras professoras do tempo dela, às vezes vinham aqui também. Lembravam das coisas do tempo da escola, riam muito, e começaram a querer fazer coisas de escola, não bastava só lembrar, queriam fazer coisas. Resolveram reativar um ateliê na casa da Ruth que não funcionava há mais de 20 anos e resolveram voltar a pintar. Em seu retorno para casa estava sempre com a roupa suja de tinta. Não demorou para começar com umas ideias estranhas: pintaram coletivamente com um bando de grafiteiros, um mural na praça que homenageava todas as pessoas do bairro que morreram de COVID-19, e no mural estava escrito genocida. Uma vergonha só. Fiquei sabendo por uma de suas ex-alunas, que ela e as colegas sempre foram assim “fora da casinha”, tinham ideias mirabolantes e artísticas, que suas aulas eram um “cântico à vida, e que por isso, reinventavam

todos os gestos, faziam passar fluxos de novidades e que transformavam o ofício de educar em um sistema solar e planetário, vivo e móvel”. Um dia aproveitei uma saída dela e fui ver se aquele livro ainda estava aqui. Ela havia comprado dúzias de livros nos últimos tempos, de todos os tipos de poesia, biografias, romances. No meio da prateleira do lado da cama encontrei o tal livro, abri na página 17, meu número da sorte. Estava escrito: Desafio da Diferença Pura, o que vinha a partir daí até a página 21 que foi até onde consegui ler porque ouvi a porta abrindo e os passos de minha mãe entrando em casa, foi o suficiente. O motivo da loucura dela estava ali e havia entrado em casa pelas mãos dessa vizinha que se diz professora. A autora do tal livro afirma existir um tipo de professora que quer dissipar a segurança identitária, quer viver todo o tipo de experiências inquietantes e misteriosas, quer educar os alunos para um porvir plural e criativo, quer trabalhar com os diferentes. Esse tipo também ousa querer transformar o mundo e acreditam que para isso é preciso sonhar e de professores sonhadores: Basta!!! Agora precisarei ser rápido e evitar o pior. Está na hora da professorinha do 221 sair do prédio, essas aulas de escrita criativa precisam acabar e minha mãe voltar a vida tranquila. Talvez seja preciso cortar o sinal da internet do prédio todo para começar.

SONHO

viramundo

Adriana Pedrassa Prates

Vaninne Fajardo

ua figura era toda o naco sem luz de um rasgo no espaço. Olhar para Ele era como cair num buraco sem paredes. Num abismo do tempo. Não fosse a pequena cicatriz que tinha entre o punho e o dorso da mão esquerda, mais para a região do polegar, as quedas não pareceriam ter fim nem começo. Misteriosamente, aquela pequena região de pele lisa e despigmentada, ainda que favorecesse o deslize dos corpos, assumia a condição de suportar os instantes entre as quedas. Algo ali imantava o movimento das duas esferas que as pessoas carregam em seus rostos — olhos pra cima, pra baixo, pra um lado, pro outro, de frente ou de soslaio. Uma soma enorme de esferas maravilhosamente imperfeitas, com mais ou menos 2.4cm de diâmetro, 7.5g e 6.5cm³, perseguiram o incomum daquela superfície como se fosse possível fazer passar pelo espaço ínfimo de seu desenho todas as dores do mundo.

Uma névoa pairava especialmente sobre a mácula. Uma bruma, uma neblina, o branco de um ar denso. Era, no entanto, no opaco daquela nódoa que a nitidez de uma visão inesperada sobrevinha em meio à balbúrdia da Aula — a pequena cicatriz aparecia no lado interno de

espelhos. Algo de estranho se vivia ali. Como aquilo se dava? Passava pela mão daquele Professor o convite dos convites: o de perder-se.

Na terceira aula da manhã de uma quarta-feira, bem naquela hora em que a fome já pede pelo lanche do dia, os Alunos souberam como ganhou o machucado. Entremeando ao que ensinava sobre os elementos químicos que compõem as rochas ígneas, o Professor contou que estava também Ele numa manhã de escola quando resolveu fugir para estreiar, na rua, a bicicleta nova que seus pais lhe deram ao completar dez anos. O barulho do tombo, seguido de um grito curto foram suficientes para denunciar o delito. Ficou de castigo por uma semana, só podendo olhar para a bicicleta. No entanto, dizia, foi o objeto que olhou para Ele com suas duas rodas brilhantes encostadas no muro do quintal da casa de sua Infância, numa parte protegida pela sombra de uma cobertura improvisada com telhas de alumínio.

E não é que o mais interessante dessa história durou exatos sete dias? Naquela quarta-feira — foi também esse o dia do seu tombo — estranhou o adocicado do gosto que lhe entrou pela boca ao experimentar uma ou duas lágrimas. Estranhou mais ainda quando viu, na ponta do dedo, que o líquido vertido tinha um aspecto leitoso e que, ao esfregá-lo com o outro dedo, podia sentir uma textura arenosa, capaz de expandir o quarto em amarelos. Num instante, a cabeça ficou demasiado pesada: arrebatados pelo brilho do alumínio que brincava entre o ondulado das telhas e o giro das rodas da bicicleta, seus olhos pousaram semicerrados sobre o desenho que o Aluno da segunda carteira da fileira do meio deixou exposto por esquecer aberto o caderno de Biologia. Feito com lápis de cor e com alguns traços em caneta hidrocor, lá estava o estudo da anatomia do fundo de um olho em escala pra lá de aumentada. O Professor sussurrou os termos da legenda que acompanhava a figura — disco do nervo óptico, papila óptica ou ponto cego — apontando para a região onde o nervo entra no bulbo do olho. Pequena região absolutamente insensível à luz. Re-

gião aquém e além de qualquer fotossensibilidade. Viu nascerem asas nos pés do menino.

Um breu sem tamanho tomou conta do seu quarto de criança logo na primeira hora daquela quinta-feira. Goçtava de alturas? Sentiu medo até o fim. Vislumbrou uma curva. Um cinza que vinha do chão subiu por uma de suas pernas e derramou-se no tampo da mesa da escola. Era a mesa do Professor. Pendiam, do interior de um vaso de *raku* com vidro negro, três caules de papoula. Podia ver, na peça que herdou da bisavó, as mãos anciãs misturadas ao barro. Juntaram-se aos duzentos anos do vaso, a letargia da planta dormideira e, como se não bastasse, também um silêncio que só não era ensurdecedor porque trazia, na boca do umbigo, o zunido quase mudo de um punhado de desejos que açoitavam também os lombos dos trinta e cinco Alunos daquela sala. Sensível à frequência, até a mãe lhe teria batido à porta naquele dia e alguns anos mais tarde, teimando em perguntar qual era a natureza daquilo que transbordava, Nele, como uma cantinela. A casa, dizia ela, intumescia com ritornelos cujas passagens exalavam, no ar, um perfume ébrio. Os Alunos caíram num sono profundo.

Às 10h da sexta-feira, atravessou o portal entre os mundos e abriu a porta da sala de aula. Aula cheia. O espaço refletia armários, cadeiras, um quadro rabiscado com giz rosa e verde, Alunos, janelas voltadas para o pátio do recreio. Ali as crianças brincavam em um extenso gramado recoberto pela sombra das caneleiras. Acabava de chover, o ar ainda estava úmido. O sol nascia em exatos 90° a leste, aquecendo durante o dia as paredes frias que abrigavam a Escola. O aroma das laranjeiras entrava pelas janelas mesmo que as enxergasse de longe, muito longe. Lá, embaixo do pomar, sentado em um banco de madeira, alguém que lhe chamava pelo nome soltava uma risada atroz. O Professor atravessou o gramado, os pés afundavam na terra molhada, aproximou-se das laranjeiras, sentou-se junto ao amigo, apertou-lhe a mão e ficaram sentados ali por nove eras inteiras. Embaixo daquela árvore com três raízes, que nenhum homem

conhece, brindaram com sangue e tinta a abertura das portas do escuro. Projetou-se para fora do próprio corpo deslocando o Universo em infundáveis direções. A luz do dia transformou-se em paredes de bronze e naquela câmara tão secreta quanto um túmulo viveu aprisionado em forma de chuva dourada durante dois minutos eternos.

Junto ao Eu, aos Titãs, a Dionísio, a Édipo, a Orfeu, a Galatéia, a Agamenon e seus filhos, percebeu estar adormecido quando na verdade acreditava estar acordado. Já era a manhã do sábado. Contrariar as forças de sua (in)consciência era tão fútil quanto opor-se às leis do destino. Deixou de lado suas certezas e temores, pois estava convencido de que podia prever o futuro melhor do que os próprios deuses. Foi assim que o Professor abandonou definitivamente sua pátria, onde era tido como rei, e ao encaminhar-se em direção ao mar revolto tropeçou em suas experimentações incorpóreas passando por uma sucessão de tombos (i) memoráveis, numa espiral sem começo ou fim. Os Alunos enfrentaram a peleja, caindo e levantando, eles mesmos, um sem número de vezes.

No domingo estava esgotado, mas não sentia aqueles dias de castigo senão como uma dádiva que lhe caíra dos céus. Sentado no chão do quarto permutou cento e vinte vezes as cinco pedras verdes de sua coleção. Das pedras, passou aos sapatos, dos sapatos aos pingentes do lustre, dos pingentes a uma série de sombras que encompridavam a parede onde ficava o armário de roupas. Num momento, sentiu um mau cheiro vindo de lá. Ao abrir o marrom de uma das portas do móvel de cerejeira, seus olhos pularam das cavidades orbitais da face, tomando cada qual uma direção. Na amplitude do breu que os dois buracos projetaram no ambiente, um dos olhos pairou diante do espelho colado no lado de dentro da porta entreaberta do armário e deu-lhe de presente uma aparição: o corpo do menino sentado deteriorava-se numa só exaustão, cujo acordo com o tempo parecia condensar naquele organismo e no átimo daquele exato segundo, cerca de mil anos. Estava ali desde antes de nascer. O outro olho prostrou-se perplexo

diante do uniforme escolar que, pendurado num cabide, girava sem parar. Os dois olhos conseguiram sair de lá noutra dia da semana, no nada do branco do uniforme de uma Aluna singularmente competetrada — a menina segurava a testa com uma das mãos enquanto obstinava-se em riscar, com a outra, as análises combinatórias de um exercício de Matemática: sete coelhos, vinte e uma porções de chá.

Na segunda-feira insistia em dizer, falar, escrever; mantendo o sarcasmo do infinitivo às súplicas de um porvir. Preocupava-se em proteger as orelhas com chapéus e toucas de lã, mas pouco se precavia em viver. Tornou-se forte em meio às suas fraquezas. Bem verdade já não suportava mais exalar realidade. Ora, se o sensível fosse apenas invisível aos olhos, bastava-lhe arrancá-los. Em troca oferecia fidelidade e eficiência em suas relações. Não raro, investia para que contasse o número de vezes em que repetia seu nome durante o dia. Todos os corpos estrategicamente desajustados naquela sala de Aula soavam com certa lucidez controversa. Naquele dia, um dos Alunos, traiçoeiro como os demais, serviu nove copos e colocou-os sobre a mesa desafiando-o a escolher apenas um. Em oito dos copos havia leite, entretanto o Professor escolheu o puro escocês. Um gole de (in)consciência.

Na terça-feira, de algum modo fantástico, do qual nada sabemos a não ser que tudo se passou no instante em que um vento forte soprou pela janela do quarto, a sala de Aula balançou rangendo a corda que a suspendia feito uma gaiola: um pra lá, um pra cá, dois pra lá, dois pra cá. O Professor experimentou o corpo, o espírito e o intelecto. Suas respirações tornaram-se intragáveis. O silêncio não cabia mais no corpo. Coexistiam forças para impedir a calmaria. Os vidros estavam embaçados por uma respiração lenta e profunda. Depois, o vento ficou cada vez mais forte. O quarto balançava de forma desordenada. O poder do vento se sobrepôs à estabilidade da Terra. A sala de Aula despençou. Guiado pelo Pagem de Ouros, em noite de Lua Negra, o Professor decidiu usar a armadura de bronze completa. Celebrou o Beltane. Desandou a falar.

Incrivelmente, os alunos permaneceram sentados durante toda a queda. A manhã estava enluarada.

Dizem que Ele veio ao mundo no cômodo mais apertado de uma casa antiga situada no cruzamento entre duas ruas que cortam uma cidade esquecida no fundo de um vale do extremo sul do País. Margeada por um rio cujo nome é Azul, tal cidade encontra-se seis vezes situada na Terra, cada qual na ponta derradeira de cada um dos continentes. Talvez por isso tenha que repetir tantas vezes o nome. Só pra dizer daqui, tantos deles ecoam: José, Dirce, Maria, Cintia, Joaquim, Clara, Jorge, Sandra, Abigail, Pedro, Alfredo, Lúcia, Lourival, Mário, Letícia, Julio etc. O fato é que circulou pelos quatro cantos da escola e, depois, por toda cidade que, na manhã daquela quarta-feira, o Professor João Ovídio Damaceno da Silva, 49 anos, filho de Nice e Éder, casado com Olímpia, pai de dois filhos, dono de uma cicatriz no dorso da mão esquerda, inseparável de uma luneta, de uma pedra vermelha e de um grande guarda-chuva preto que apertava pelo cabo com a mão direita, sumiu, na companhia de seus alunos, numa fração de segundos na terceira aula do dia. Dizem também que nunca mais puderam ser vistos, salvo nos raros momentos em que o escuro mais profundo da noite se esparrama e brilha no tecido acetinado da luz do dia.

TRADUÇÃO TRANSCRIADORA

máquina do tempo

Máximo Lamela Adó



Ninguém a viu chegar na unânime noite, ninguém a notou em suas vestes de taciturno plissado, mas em pouco tempo poucos são os que admitem ignorar a sua força transgressora. Portadora de uma máquina do tempo em que o mundo finito começa e termina, Tradução Transcriadora, move-se entre misturas cronotópicas. O anacronismo lhe serve como método; sua presença inclui ocorrências tanto no tempo como no espaço.

Penso tê-la visto aportar em nossos pagos, posso dizer que, antes, muito antes de sua chegada, todos nós, todos aqueles que alguma vez já gargalhamos com as bizarrices do controle da escrita sobre a magia, já sentíamos a sua presença nas demandas diuturnas de nossos fazeres. Elegante, com um caminhar ironicamente ordenado, Tradução parece sempre fazer questão de *pousar* cada um dos pés em rastrós por outros calçados no caminho. O faz com a métrica erótica e precisa de um deslocamento, sempre adiante, sempre em um justo *sobrepisado* em que seu corpo é quem baliza a dicção.

Carrega a marca de uma estirpe agregadora, jamais submissa, nunca repetidora do mesmo. Em nenhum momento a veremos se aproximar

das ideias gerais, pois Tradução sempre foi Trans. Por ser única se fez múltipla e diferença; criadora, portanto.

Já teve vários nomes e certamente portará muitos outros para além desses vários, já que sua presença não tem origem. Sua marca é a passagem de um tempo-espço a outro. Não se fixa, não se identifica, não possui identidade. À identidade, aliás, Transcrição denomina de abandono.

Em toda identidade há um abandono daquilo que a designa em favor do nome, então, fala-se de uma ausência e a tarefa da identidade passa a ser a de um abandonar-se, nos diz Tradução. Talvez seja por isso que ela insista na diferença como origem. Para ela quando se pensa já se é outra, só sendo outra se pode pensar. Essa é a sua lei.

Em sua infância diziam que Tradução era nome de estrangeira. Falar em Tradução Transcriadora era falar dessa outra que vinha de outro lugar e se parecia a outro tempo. Nasceu naqueles dias em que dançarinos vestidos com roupas verdes faziam passar leitões treinados através de círculos de fogo, em que porteiros barbudos, de túnica cereja, descascavam ervilhas num prato de prata, diante dos mosaicos galantes na entrada das vilas, dizia Schwob. Nasceu nesses dias, como Petrônio. É por isso que alguns — aqueles que, lá pelos anos 600, eram reconhecidos como a capa culta latina — a chamavam Romanice. Pois, para eles Tradução era vulgar como um romance, uma cortesã em verso. Seu andar é um *romançar*, dizia Honoretto Latini.

Quando chegou à adolescência Tradução Transcriadora se orgulhava de ter feito de sua aparência um perfume do inapreensível. Não havia como designá-la, mas sua presença sempre foi concreta. O almoço não o servia se não fosse composto por uma guarnição de muitos tons. Azeitonas tinham de ser gregas, pepinos japoneses e lentilhas libanesas. O trigo escuro e partido na pedra vinha da Turquia, a farinha de mandioca ou de milho tinha de ser moída no pilão. Desses ingredientes fazia misturas e lhes dava o sabor de uma alquimia algébrica digna das combinações perfeitas.

Ninguém a viu envelhecer. Alguns dizem que voltou a ser criança, outros que sua juventude persiste, mas que é na velhice que sua presença ganha, ou ganhou, o tom do erotismo fulgurante do fazer.

ENCANTAMENTO

divinatório

Opala Danzor



Filho da Palavra com Sortilégio, Encantamento nasceu na Suméria em um plenilúnio da constelação que, em sua vida adulta, passou a ser nomeada como a de Ganimedes. Quando começou a andar pelas próprias pernas, foi dado a um templo secreto em Naxos, para ser criado por Feitiço e Matéria, que o iniciaram nos mistérios da Gramática. Quando atingiu a puberdade foi para ilha de Chipre, onde aprendeu as leituras celestes de origem caldéia, os axiomas de Zoroastro, rudimentos da torá hebraica, cifras arábicas e sistemas numéricos de vários povos. Efebo de notável beleza, foi para Creta, onde, atendendo pelo nome de Zagreu, desenhou meandros, dançou com princesas e faunos e se fez presente em salões aristocráticos. Dali foi designado a servir por muitos séculos em Eleusis, onde foi esperado por gerações que acreditavam sua demora a uma lendária virada de embarcação. Até ser recebido festivamente nas praias balcânicas e no interior do continente, viveu na Ásia Menor. Em uma breve passagem em Rhodes conheceu Sofia, com quem manteve esparsa interlocução e correspondência por séculos e séculos e, presume-se, seja a mãe de sua pupila Filosofia. Por caprichos das correntezas, chegou em Cária, ficando por anos incontáveis, em Mileto, onde consta que

a menina Filosofia cresceu a seus cuidados até ser levada ao istmo de Corinto. Há registros de que ambos estiveram em Pérgamo até conseguirem embarcar condignamente para atravessar o mar Egeu. Sabe-se que, ao passarem pela região Samotrácia, Encantamento evocou ventos favoráveis para que pudessem, ele, de modo mais obscuro, e Filosofia, sob todas as luzes dos sete céus, cumprirem com seus destinos. Por eras e eras Encantamento provava que tudo o que se percorre não passa de um encontro com o próprio destino. Embora não seja possível se ter certeza, há quem diga que conheceu pessoalmente as Moiras e, por certo, delas recebeu designios que poucos podem compreender. Na Hélade, apaixonou-se por Poesia, mas acabou desposando Tragédia, como quem teve sua filha reconhecidamente legítima, Didática. Foi amante de sua cunhada, Comédia, com quem tentou fugir para Alexandria, tendo a perdido, para nunca mais com ela se encontrar, em uma orgia de muitos dias em Cítera. Sua vida no Egito lhe proporcionou encontros furtivos com a sempre nômade Poesia, sendo ali que, ainda sem o saber, se tornou Professorhador. Por amor à Poesia, migrou para Roma, onde nasceu seu filho Método, não se sabe se de uma noite inadvertida com Sofia ou se rebento rejeitado por Poesia. Alguns documentos com datas do calendário juliano alegam que Encantamento andou até o Ártico e participou de conquistas Vikings. Isto porque passou a garantir que não há panteão sem um deus sacrificado, provou que entre todos os deuses sempre há um submetido à sacrifício sangrento, o que, mais tarde, possibilitou-lhe defender a tese de que todo paganismo é cristão. Quanto a sua vida doutoral, a única certeza, conforme códices do século VIII da era vigente, é que em mosteiros da Normandia foi tutor de Aula e participou de *Quod Libet* com Currículo, o qual conhecera em Alexandria. Sob a guarida doutrinadora da Igreja, mãe de Docência e Educação, acredita-se que as querelas entre Encantamento e Currículo sejam o motivo deste ter tornado-se um enjeitado tanto nos templos como na Universidade, espaços que começam a ser dominados pela freira Edu-

cação. Nos tempos dos *triviuns* e *quadriviuns*, que totalmente o ignoraram, Encantamento apelou para Filosofia, que o mostrava oculto em ditos populares. O disfarce o travestiu muitas vezes em Maldição, por ora em Benção. Sabe-se que no século XI foi visto em Évora, causando certo furor, pois quando fazia uma libação em atávico cromeleque uma bruxa viu passado e futuro num só presente, feito atribuído aquela compreensão indizível de destinos que somente Encantamento, mesmo quando tomado por Maldição, poderia trazer. Foi pela Península Ibérica que, mantendo disfarces, amou, para todo sempre, o monstro inclassificável, sem sexo, sem forma, sem gênero, filhe enjeidade de Filosofia, Diference. Com inegáveis traços de Feitiço e Matéria, Diference, dizem, é fruto de Estudo. Presumem que Filosofia tenha desposado Estudo, este que é um dos descendentes da mãe adotiva de Encantamento, a velha Matéria. Fato é que a memória de Matéria, nessa época também chamada Lilith, estava distorcida em abstrações e perda de sua mãe, Gaia. Incapaz de tratá-la, Encantamento partiu com Diference em grandes naus. Ninguém sabe se Encantamento e Estudo se conheceram, mas que Diference é filhe legítima de Estudo, não há que se duvidar. Abraçado com Diference, esquecido de seus louvados e aclamados parceiros monásticos, perseguido pela Inquisição, Encantamento navegou por oceanos e encontrou seus muitos pares em terras e povos espalhados por todo globo. Com seus irmãos e irmãs de muitos nomes assombrou o Renascimento e veio pular ululante canibal, junto com Método, nas emblemáticas e fórmulas barrocas. Ali, após tantos descréditos e rupturas com Sofia, passa a ser reconhecido com um novo nome, Arquivo. Em núpcias com uma filha de Sofia, Ciência, concebeu, nas Luzes, o que hoje chamamos Pesquisa. Filha de Arquivo e Ciência, casada com Método, Pesquisa se encontra adúltera com Diference e passa a ter muitos rostos, muitos braços, muitas pernas e órgãos sexuais estranhos. Enquanto isso, Encantamento-Arquivo se torna o melhor amigo do Sono, que conhecera muito tempo atrás em Delfos. Acaba se divorciando

de Ciência a fim de seguir suas aventuras pelo mundo com Sonho. Tal amigo, cada vez mais importante nos tempos maquínicos que emerge, ajuda Arquivo voltar a ser Encantamento. Furtivo, ganha novas forças nos tempos românticos, não apenas em seus vislumbres junto a Sonho, mas por voltar a ter valor por aquilo que sempre soube e ensinou: palavras de sorte. Desde este tempo que, cheia de crises, Ciência tenta prender Sonho em sua casa, jamais aceitando plenamente a monstrosidade que veio a ser Pesquisa. Arquivo-Encantamento, escapa das prisões de Ciência para somente ser visto em livros e estampas. Numa tarde dos trópicos, num país onde *A canoa virou, por deixar ela virar*, reencontra, numa feira de variedades e invenções, Poesia, seu grande amor, sempre renovada, sempre outra, sempre a mesma e nunca igual. Juntos, numa diversidade chamada Brasil, dão à luz aos gêmeos bivitelinos Tradução Transcriadora e o A-traduzir, que postulam o que vem devir em Metodologia da Filosofia da Diferença em Educação. Aquela freira medieval, Educação, se tornara a maior prostituta dos tempos modernos. O que cantam todos, a puta e todos que recolhe em seu bordel, como EIS AICE, vem de Gaia, Uhma Mvlier que Encantamento chama de Mara. Assim falou o Sonho, quando no barco da Poesia mostra que nada vira por causa de alguém. *Se fosse um peixinho, no fundo do mar*, Encantamento tirava todos que a vida, na insondabilidade das bifurcações do destino, virou na instabilidade das ondas que a tudo levam.

VIDA

inventada

Alberto D'Avila Coelho

Róger Albernaz de Araujo



aquilo que se pode dizer de uma vida sonhada, o que dizem as palavras? Quais as que tocam as forças não moralizadoras da vida e operam sem significar, explicar, ilustrar? Quais outros percursos que a vida faz e que nos permitem percebê-la sem dicionarizá-la? O quanto da vida cabe em palavras? O quanto de seu cabe em um termo, um conceito, uma definição...?

Biólogos dão nome à vida, e criam um nome. Próprio. E quanto às impropriedades da vida? Impróprias! Vida comum? Vida que escapa ao corpo fisiológico, trivial, corpo-forma? Poesia acontece. Acontece a arte. Vida vivida em intensidade. A lógica racional ao conviver com as variedades da arte, alcança vibrações e contrações que provocam a vida a muitas experimentações, e cada pessoa estará aí, na possibilidade de um momento e de um modo.

Vidas sonhadas em educação. Vidas sonhadas. Vidas. Como é a vida que vale a pena ser vivida? Quem pergunta? E o que o faz perguntar? Quantos perguntam? E quando? Quem cria as maneiras de ser e de viver uma vida? De onde vem as imposições estratificadoras que ordenam, organizam e significam a vida? Vamos civilizar a vida? Buscar seus fundamen-

tos? Quando a civilização sufoca e castra é a vida em potência que fortalece e afirma ações disruptivas, e um sonhado acontecerá nesta condição de possibilidade. Mas vida e civilização estão em posições opostas? O que pode agitar os sonhos de uma vida? E, em quantas e em quais vidas?

Dizer sim ao mundo, à Terra, que são mesmo isso, vagos, sem destinos, imprecisos. Pura força que pede um tratamento, que pede expressão para as matérias que o compõem. Ocasão única de viver uma vida inventada, portanto, sonhada “sem vergonha”, fazendo-a falar por alegorias, fantasias e fabulações. Afirmar as forças que potencializam um viver que não sucumbe aos ditames das leis, dos modelos e das prescrições. Alargar as margens. Irrigar o leito. Transbordar. Seria isso um sonho? Estamos com a vida lotada de ideais, de certezas, de afirmações. Repetimos satisfeitos e habitamos nosso lote. Loteamos a vida. Que vida? Estamos bem assim?

Mas, sonhar a educação é se contentar com os possíveis? A vida provoca e dá condições para que experimentemos possibilidades, que busquemos por aquelas que apontam para os impossíveis. Veja, a vida é uma grande celebração em que todos podem partilhar afetos, compor saberes, extravasar linhas desejanter. Agenciar coletivos ao compor grupariedades na heterogeneidade. Agrimensar um território de experimentação acompanhando-se da arte e da filosofia. Olha que luxo! Abrir espaços para corpos desprendidos. Desfazer amarras, fugir à rostidade, investir em individuações singulares.

Para educar uma vida em sonhos. Recursos, ferramentas, procedimentos. Didatismos. Cartilhas. Métodos. Prescrições. Aulas prontas. Livro didático. Modos, estratos, molaridades. Que se abra todo este conjunto para as misturas, e que vazem as molecularidades, e que possamos ser afetados, produzidos pelas multiplicidades e heterogeneidades, e que elas possam compor um percurso vívido.

E a arte, provoca pensar um pensamento invencionista. Pensamento gritante na vida que sonha. Compósitos para uma educação das sensa-

ções. Trabalho com matérias. Imagens. Sons. Panos como planos colorantes ao vento, são nervuras que se dobram pelo espaço e pelo tempo. Linhas como traços que são passos desenrolados pelo chão. Revoar de cores. Resistências a aula-exposição, aos vidros que condicionam conteúdos utópicos, distópicos, anormais, anômalos, esquizos. Transparências? Opacidades? Sacos plásticos, capas para sentidos transvasados a sobrepremem mundos. Acontece. Práticas, planos, linhas de errância. Composição de sonhos que fazem sonhar uma vida em educação.

A educação como espaço de sonhar e estudar o sonho. Um deslocamento da atenção e novos modos de sentir, aprender, viver em educação se abrem. Mas que sonho? Dizia Corazza: só estudo o sonho e suas maravilhas longevas. Não aquele que integra o dormir, nem aquele que idealiza, que evade ou que indica o destino; estudo o sonho que prepara livros e que pesquisa. O sonho operante, portanto, feito sem vergonha, que faz falar fantasisticamente: — *Eu sonho, eu sonho, tão amiúde, que me vejo a-traduzir o arquivo, por excelência, da docência.*

Com certeza ela sonhava acordada e escrevia uma vida sonhada pelos corredores que ocupava, pela aula que artistava, pelos pareceres, livros, artigos e até pelos bilhetes que escrevia ou epitáfios com os quais se divertia. Ela falou dos sonhos com os olhos abertos, vorazes e criancieiros, na diuturna tensão de fazer da vida sonhada, pelos menos um pouco da vida vivida. Ela teve coragem. Corazza. Ela teve paixão para sonhar e viver a educação. Mara. Ela teve a simplicidade singular de inventar seu modo de dizer sim à uma vida sonhada em educação. Sandra.

JARRA MORTUÁRIA

Vidas imaginárias e imaginadas em Educação

Sandra Mara Corazza (*In Memoriam*)

1. Herança

Este é um livro naturalista, em algumas passagens, feito com Personagens, Quadros e Imagens naturais de uma Vida. Já em outras passagens, é um livro realista, escrito através de Meio, Situação e Personagens reais de uma Vida. Independentemente do naturalismo ou do realismo de determinada Vida, que movimenta o seu autor, o livro recebe marcas e ideias de uma multidão. Desta, ressaltam: 1) Roland Barthes (2005a; b), com a sua noção de biografema e, a partir desta, os artigos, livros, teses, dissertações, produzidos pelo grupo de pesquisa BOP – *Bando de Orientação e Pesquisa* (Adó, 2010; Corazza, 2010; Costa, C., 2010; Costa, L., 2010; Feil, 2011; Oliveira, 2010); 2) Jorge Luis Borges (1988; 2000), com a sua “História universal da infâmia” e “O livro dos seres imaginários”; 3) Paul Valéry (1997; 1998), especialmente, com “Mr. Teste” e “Introdução ao método Leonardo da Vinci”; 4) Virginia Woolf (2005), em “Contos completos”, seguidos das “Notas” de Susan Dick; 5) Marcel Schwob (2011a; b), com os seus livros “Vidas imaginárias”, “A cruzada das crianças” e “O livro de Monelle”; 6) Alfred Jarry (1987), com “Ubu rei” e a sua *Patafísica*; 7) Deleuze (1985; 2005), pensando filosofia com a pintura e o cinema.

Essa é a herança conhecida. A par do desconhecido, importa que, em função dos legados múltiplos, os autores do livro conquistam posições diferentes sobre as Vidas escolhidas e que os escolheram; embora, nessa tipologia realista ou naturalista, partilhem uma comunidade de interesses, temáticas, problematizações e preocupações. Comunidade ideal, que é suficiente para criar tendências, escolas, pedagogias de Vidas. Vidas que mudam de potência, passam a outra potência, sofrem gradientes de potências, tornando-se mais ou menos naturais, mais ou menos reais. Isso tudo que acontece no plano da matéria de Vidas consiste no próprio movimento do livro, que o impede de fechar-se sobre si mesmo. Estabelecido entre as Vidas, o livro é, assim, somente uma face do movimento das Vidas, feita por blocos de espaço-tempo, linhas ou figuras de luz, “imagens em si” (Deleuze, 1985, p.81).

No plano imanente deste livro, os autores não inventam inteiramente as Vidas que contam, mas as agenciam maquinicamente, fazendo delas sua matéria fluente. As imagens vivas, que daí se desprendem, são mais centros de indeterminação, sujeitos, que vão se formando no universo acentrado do livro. Assim, o primeiro avatar do livro, sua imagem-matéria-movimento, é a releitura, a reescrita e a reinterpretação de textos, relatos, documentos, ideias das Vidas. Os autores fazem, então, a partir e com essas Vidas, consolidados de “imagens-percepção, de imagens-ação, de imagens-afecção”. Isto é, compõem uma espécie de ficção acrescida de história, uma crônica histórica ficcional, por meio de ensaios, contos, poemas em prosa, aforismos, fragmentos de prosa poética, etc. Resulta daí uma coleção heteróclita, engendrada por recriações fantasiosas das Vidas; embora, nem sejam tão fantasiosas assim. É que insiste, em tal coleção, uma “ilusão referencial” em cada Vida, que produz “um efeito de real” (Barthes, 2004, p.189; p.190). Em sua radicalidade, o livro integra uma literatura educacional, que contraria as “ideias universais, descreve apenas o individual, deseja apenas o único”, ao narrar o “dividual” de

cada Vida, nem divisível nem indivisível (Deleuze, 1985, p.25; p.33; p.88; p.127; p.136). Assim, este livro “não classifica, desclassifica” as Vidas (Schwob, 2011b, p.47); por vezes, com “a corda toda puxada a partir de uma simples frase” (Woolf, 2005, p.449).

2. Sem-fundo

Em sua série naturalista, [formada pelas *Vidas* 1, 4, 6, 7 e 10], os autores concebem cada Vida, como povoando um mundo originário, um sem-fundo, constituído por matérias não-formadas (Deleuze, 1985, p.157-177). Mundo informe, feito apenas de qualidades e potências: “mundo de variação universal, ondulação universal, marulho universal: não há nem eixos, nem centro, nem direita nem esquerda, nem alto nem baixo” (ib., p.79). Os meios geográficos, históricos, sociais e culturais desse mundo expressam-se em Quadros, onde as Vidas se atualizam; o que leva o livro a tornar-se o Quadro dos quadros.

Nesse ponto de vista, as Vidas são escritas em esquetes, em pequenas peças ou cenas dramáticas, de curta duração, que englobam: (a) Personagens – únicos, singulares, que compõem a arte biografemática e têm descritos, a partir de uma frase real ou imaginária, suas anomalias, esquisitices, pormenores insignificantes, descontínuos irregulares, interrompidos, intermitentes; (b) Imagens – formadas pelo conjunto vivo do movimento e do tempo daquilo que aparece, constituído por imagens sensório-motoras, situações óticas e sonoras puras, além de vidências (Deleuze, 1985, p.78; 2005); 3) Quadros – nos quais é “impossível deixar de ver as pinturas” (Woolf, 2005, p.327; p.421), que dizem de posturas, figurações, linhas, cores, estilos: “chamamos enquadramento a determinação de um sistema fechado, relativamente fechado, que compreende tudo o que está presente na imagem, cenários, personagens, acessórios” (Deleuze, 1985, p. 22; 2007).

As Vidas são, aqui, enquadradas, isto é, entram em um sistema fechado, um conjunto composto por muitas partes ou elementos, objetos-

signos; os quais, por sua vez, entram em subconjuntos. Além de um subconjunto ser comunicante ao infinito com os outros, cada Quadro de uma Vida mantém um caráter de inacabamento. Independentemente de sua tendência “à saturação ou à rarefação”, em ambos os extremos, o autor de uma Vida naturalista tem presente a imagem dessa Vida, que não se dá só a ver, já que é “tão legível quanto visível”.

O Quadro de uma Vida registra, dessa maneira, informações sobre cenas, personagens, imagens, sons, em um revezamento entre eles; e não um ajudando o outro. Feito de variações, talvez, não saibamos ler adequadamente um Quadro, por avaliar, de modo equivocado, tanto a sua rarefação como a saturação. Contudo, não é possível desconsiderar que, em cada Quadro, há muitos quadros diferentes, enquanto quadro segundo, terceiro, e assim por diante; condição que obriga o enquadrador (*cadreur*) a encaixar os quadros, para formar e separar o sistema do conjunto.

Esse enquadramento toma a imagem de uma Vida por si mesma; enquanto a sua montagem toma as relações entre imagens. A arte do enquadramento, vivida pelo autor, manifesta-se em sua habilidade de selecionar os elementos que ingressam no conjunto que vai fazendo. Por isso, mesmo que uma Vida naturalista pareça ser um conjunto fechado, ela só o seria artificialmente; desde que, tão-somente enquanto determinada pelo Quadro, uma Vida pode ser considerada fechada, saturada ou rarefeita. (Deleuze, 1985, p. 22; p. 23).

3. Desafio

Porém, quando “o meio e suas forças se encurvam, agem sobre o personagem, lançam-lhe um desafio e constituem uma situação na qual ele é apreendido”, estamos já diante de Vidas realistas (Deleuze, 1985, p.178-199) [como as *Vidas* 2, 3, 5, 8, 9, 10]. Não um realismo, no qual se pode dizer que as Vidas narradas existem em Educação; mas, antes, que elas subsistem, fora do tempo e do espaço homogêneos.

Nesse caso, atualizando várias qualidades e potências, que se tornam forças, os comportamentos dos Personagens encarnam o mundo originário; podendo ocorrer que um meio (espaço-tempo) determinado, ao atualizar uma potência, passe ele próprio a valer por aquele mundo educacional originário. Sendo assim, os autores realistas distinguem, no meio de uma Vida, as qualidades-potências e o estado de coisas que as atualiza; enquanto a Situação e o Personagem são correlativos desse meio e duelam entre si. Temos, então, uma Vida feita de ações, as quais levam o Personagem a passar de uma Situação à outra e responder a ela, tentando modificá-la e instaurar uma outra situação.

4. Todo

Mesmo que sejam dadas em *flou*, como ligeiramente desfocadas, as imagens realistas ou naturalistas das Vidas, que compõem este livro, são imagens mentais, abertas ao Todo; ou seja, ao jogo de relações. Enquanto essas imagens expressam os sistemas materiais em interação, que são as Vidas, as suas figuras introduzem o mental na imagem (Aumont, 1995; Bernis, 1987; Sartre, 1967). Por isso é que os autores descobrem, na atualidade de cada Vida, o educador-molecular, o infantil material, o escritor-molecular, a pedagoga material, dentre outros.

Para tal, desde o início, é necessário pressupor o Todo de cada Vida, isto é, o seu *continuum*; aquilo que não pode ser medido pelo conjunto nem pelas partes desse conjunto; “o que muda”; “o aberto ou a duração”. A montagem das imagens-movimentos de uma Vida, seja naturalista, seja realista, encontra-se, portanto, antes do ato de escrevê-la: na escolha do material, das porções de matéria, na maior parte das vezes, distantes e longínquas, que entram em interação. Porém, para além dessa “vida como ela é”, os autores encontram, ainda, a montagem depois da escrita, no texto, no livro: uma Vida de papel. Dessa maneira, as operações de montagem de cada Vida tomam, por objeto, “as imagens-movimentos para extrair delas o todo, a ideia, isto é, a imagem

do tempo”; e implicam uma composição vital, como imagem indireta do tempo, “o todo que enrola e desenrola o conjunto das partes” (Deleuze, 1985, p.31; p.44; p.45; ;p.47; p.57).

São os próprios movimentos dos autores que exprimem as mudanças do Todo de uma Vida, ao vivificarem autômatos, fantasmas, ilusionistas, diabos, sábios, loucos, robôs, sonâmbulos, zumbis, golens, frankensteins, ingênuos, represeiros, luzes, velas, fogo, manto branco, ouro vermelho, espada flamejante [acrescentar traços de cada Vida, aqui]. Todo um mundo em Educação, no qual, é inútil pretender distinguir uma Vida concreta de uma abstrata; uma orgânica de uma inorgânica; uma quantitativa de uma intensiva. Ao cabo, são Vidas terríveis e impactantes, caóticas e dignas dos seus autores, que ignoram os limites do organismo e expressam o vital, que é a potência comum ao animado e ao inanimado, tanto em um presente variável, como na imensidão do futuro e do passado – “os fantasmas nos ameaçam mais na medida em que não provêm do passado” (Deleuze, 1985, p.130).

Vê-se, então, porque uma Vida em Educação não é determinada, concreta, que aconteceu em algum lugar natural e numa realidade temporal. Há, nessa Vida, um quase nada de coordenadas e de determinações espaços-temporais comuns. Sendo puro potencial, não será encontrado o que uma Vida realmente foi; mas, somente, o seu modo de aparecer e como se refletiu no espelho da própria Vida do autor. Uma Vida como afecção, que se opõe a uma Vida geral ou coincidente com um determinado estado de coisas.

Por conseguinte, não se trata de Vidas melhores ou piores, mas de outras Vidas. Vidas quaisquer; vistas de perspectivas deformadas, excessivas, indigentes, feitas de conjunções virtuais, que expõem “Potências e Qualidades, independentemente do estado de coisas ou dos meios” que as atualizam (Deleuze, 1985, p.153). Vidas sem referências imediatas ou diretas, que os autores abstraem até mesmo dos acontecimentos. Vidas mascaradas, que nada mais são do que

modos de existência, não sujeitos; mesmo que tenham tal ou qual nome, número de identidade, data de nascimento e morte.

5. Dramaturgia

Eis a dramaturgia de um “livro de personagens” (Woolf, 2005, p.449). Livro-mundo modulado por *Vidas imaginadas e imaginárias em Educação*, feito por Personagens e Meios cômicos; Situações e Quadros dramáticos; Imagens épicas e trágicas, a serviço da variação e da interação universais. Livro dotado do poder de um Todo, que não para, aqui, de se fazer, através de seres irreais, de luminosidade desnaturalizada e de escrituras do espírito. Mundo que, depois de lido, escrito e pensado, sabe-se, voltará à ordem.

Referências

ADÓ, Máximo Daniel Lamela. *Comédia intelectual da educação: filosofia, literatura, currículo*. Proposta de Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 77 p.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. (Trad. Estela dos Santos Abreu e Cláudio Cesar Santoro.) Campinas, SP: Papirus, 1995.

BARTHES, Roland. “O efeito de real”. In: *O rumor da língua*. (Trad. Mário Laranjeira.) São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.181-190.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance I: da vida à obra. Notas de cursos e seminários no Collège de France, 1978-1979*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés.) São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

BARTHES, Roland. *A preparação do romance II: a obra como vontade. Notas de curso no Collège de France 1979-1980*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés.) São Paulo: Martins Fontes, 2005b.

BERNIS, Jeanne. *A imaginação: do sensualismo epicurista à psicanálise*. (Trad. Álvaro Cabral.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

- BORGES, Jorge Luis. *História universal da infâmia*. (Trad. Flávio José Cardozo.) Rio de Janeiro: Globo, 1988.
- BORGES, Jorge Luis. *O livro dos seres imaginários*. (Trad. Carmen Vera Cirne Lima.) São Paulo: Globo, 2000.
- CORAZZA, Sandra Mara. “Introdução ao método biografemático.” In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (orgs.). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora, 2010, p. 85-107.
- COSTA, Cristiano Bedin da. *Programa Fante: experimentação biografemática de um corpo estrangeiro*. Proposta de Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 91 p.
- COSTA, Luciano Bedin da. *O biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Barthes, Deleuze, Nietzsche e Henry Miller*. (Tese de Doutorado.) Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010, 188 p.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1. A imagem-movimento*. (Trad. Stella Serra.) São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo. Cinema 2*. (Trad. Eloisa de Araujo Riberio.) São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. (Trad. Roberto Machado et al.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- FEIL, Gabriel Sausen. *Procedimento erótico, na formação, ensino, currículo*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2011.
- JARRY, Alfred. *Úbu Rei*. (Trad. Theodemiro Toštes.) Porto Alegre: LPM, 1987.
- OLIVEIRA, Marcos da Rocha Oliveira. *Biografemática do homo quotidianus: o Senhor Educador*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. 169 p.

SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. (Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes.) São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

SCHWOB, Marcel. *A cruzada das crianças/Vidas imaginárias*. (Trad. Dorothée de Bruchard.) São Paulo: Hedra, 2011a.

SCHWOB, Marcel. *O livro de Monelle*. (Trad. Claudia Borges de Faveri.) São Paulo: Hedra, 2011b.

VALÉRY, Paul. *Monsieur Teste*. (Trad. Cristina Murachco.) São Paulo: Ática, 1997.

VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. (Trad. Geraldo Gérson de Souza.) São Paulo: Ed. 34, 1998.

WOOLF, Virginia. *Contos completos*. (Trad. Leonardo Fróes.) São Paulo: Cosac Naify, 2005.

AUTORES

ADRIANA PEDRASSA PRATES

Doutora em Educação (2019) pela FEUSP. Mestre em Educação (2013) pela UFRGS. Especialista em Estudos em Museus de Arte (1994) pelo MAC USP. Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (1992) pela FAU MACKENZIE, Licenciatura em Música (2004) pela FMCG e em Artes Visuais (2021) pela FPA. Atua como docente na Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) e na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

ALBERTO D'AVILA COELHO

Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Educação (FACED/ UFRGS); doutor e mestre em Artes Visuais, ênfase em História, Teoria e Crítica pelo Instituto de Artes (IA/ UFRGS), licenciado em Educação Artística Hab. Artes Plásticas pelo Centro de Artes (CA/ UFPEL). Professor titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL), campus Pelotas/RS.

ANGÉLICA VIER MUNHOZ

Doutora em Educação. Docente da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES). Líder do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM/CNPq/UNIVATES) e integrante da Rede de Pesquisa Escrita da Diferença em Filosofia-Educação.

BIBIANA MUNHOZ ROOS

Psicóloga pela Universidade do Vale do Taquari (Univates) e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como Analista de Recrutamento e Seleção e Consultora Interna de Gestão de Pessoas.

CLAUDIA MADRUGA CUNHA

Professora do Departamento de Artes, do Setor de Artes, Comunicação e Design, Curso Bacharelado em Produção Cultural e no PPGE, na Linha “Linguagem, Corpo e Estética”, da UFPR; tem pós-doutorado em Educação, pela Universidade do Porto (2016), doutorado em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), mestrado em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1998) e licenciatura em Filosofia, pela Universidade Federal de Pelotas (1990); coordena o grupo Rizoma: Laboratório de Pesquisa em Filosofia da Diferença e Arte e Educação. <http://orcid.org/0000-0002-2867-5566>. Email: cmadrugacunha@gmail.com.

CRISTIANO BEDIN DA COSTA

Psicólogo; Docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Coordenador da Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação; Atua em uma Zona de Investigações Poéticas (ZIP).

DENIZ ALCIONE NICOLAY

Licenciado em Pedagogia. Mestre e doutor em educação pela UFRGS. Líder do grupo de pesquisa Gphília da UFFS. Membro da Rede de Pesquisa Escrileituras da Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS). Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da UFFS. E-mail: deniznicolay@uffs.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4218-3573>; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3584853627711259>

ESTER MARIA DREHER HEUSER

Professora-pesquisadora Associada do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná

(UNIOESTE), Filosofia (Licenciatura e Pós-graduação), campus Toledo/PR. Vice-líder da Rede de Pesquisa Escrito da Diferença em Filosofia-Educação e líder do Grupo de Pesquisa Ética e Filosofia Política (CNPq).

FABIANE OLEGÁRIO

Pedagoga pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES), Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) e Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do curso de Pedagogia vinculado à Área de Ciências Humanas Sociais e Aplicadas da Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES).

FABIANO NEU PINTO

Doutorando e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Especialista em Atividades Criativas e Culturais pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela mesma Universidade; integrante dos Grupos de Pesquisa t3xto (CNPq/UNIPAMPA) e DIF - artistagens, fabulações, variações (CNPq/UFRGS) e da Rede de Pesquisa Escrito da Diferença em Filosofia-Educação

GABRIEL SAUSEN FEIL

Professor da Universidade Federal do Pampa, líder do Grupo de Pesquisa t3xto e integrante da Rede de Pesquisa Escrito da Diferença em Filosofia-Educação. Atua no Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Indústria Criativa. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; mestre em Educação

nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado; graduado em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela mesma universidade. E-mail: gabrielfeil@unipampa.edu.br. ORCID: 0000-0003-3546-6874.

JAILZA DOS SANTOS MARTINS

Intempestiva, mãe, professora, filha, neta e bisneta, privilegiada pela vida, virou professora. Amante da arte, aprendeu a crítica andando pelo lado esquerdo da rua. Pesquisadora em um mundo visto pelo sexto sentido. Mestre segundo a academia. Tradutora por uma comunidade denominada Surda. Essa é a Jailza dos Santos Martins que se inspira em Maria, Carolina e nas exceções.

KAREN ELISABETE ROSA NODARI

Licenciada em Pedagogia e Orientação Educacional (UFRGS). Mestre em Planejamento do Ensino (UFRGS), Doutora em Educação (UFRGS) com Pós-doutorado em Educação (UFRGS). Professora Titular do Colégio de Aplicação/UFRGS (aposentada). Pesquisadora da Rede de Pesquisa Escrituras da Diferença e Filosofia-Educação e do Grupo Corpo, Espaço e Movimento (CEM)/UNIVATES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5027-4857>. E-mail: kernodari@gmail.com

LARISA DA VEIGA VIEIRA BANDEIRA

Licenciada em Pedagogia, mestra e doutora em Educação (PPGEDU/UFRGS), professora substituta na área da Educação de Jovens e Adultos no DEE/FACED/UFRGS.

MARCOS DA ROCHA OLIVEIRA

Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Professor na

Universidade Federal do Paraná (UFPR); Atua em uma Zona de Investigações Poéticas (ZIP).

MARIA IDALINA KRAUSE DE CAMPOS

Graduada com Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisadora na Rede de Pesquisa Escrita da Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS – Brasil).

MARINA DOS REIS

Poeta, Mestre e Doutoranda em Educação, Orientadora Profª Drª Paola Zordan, Filosofias da Diferença-Educação-UFRGS; <https://orcid.org/0000-0002-2088-5358>; <http://lattes.cnpq.br/4848137773480477>; <https://www.ufrgs.br/arcoe/>; [recolhida a língua fala]

MARLUCY ALVES PARAÍSO

Professora Titular da Faculdade de Educação FaE/UFMG. Pesquisadora PQ do CNPq, Nível 1B. Criadora e coordenadora do GECC: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículos e Culturas. E-mail: marlucyparaiso@gmail.com

MÁXIMO DANIEL LAMELA ADÓ

Licenciado em Ciências Sociais, Mestre em Literatura (UFSC), Doutor em Educação (UFRGS). Professor Adjunto na Faculdade de Educação e Professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS.

OPALA DANZOR

Trabalha com tecnoxamanismo, configurando o pseudônimo para

uma poeta, romancista ainda impublicada que também é taróloga e serviçal doméstica sem remuneração.

PAOLA ZORDAN

Bacharel em Desenho, licenciada em Educação Artística, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora do Departamento de Artes Visuais e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS na linha de pesquisa Escrita, Artistas, Variações. Coordena o Núcleo Transdisciplinar Arte e Loucura (NuTAL/UFRGS) e é líder do grupo de pesquisa Arte, Corpo, ensino (ARCOE/CNPq).

POLYANA OLINI

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente no Univag - Centro Universitário.

RÓGER ALBERNAZ DE ARAUJO

Graduado em Tecnologia em Processamento de Dados pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Líder do Grupo de Pesquisa Maquinações (CNPq). Professor Titular do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul). Pesquisador na Rede de Pesquisa Escrita da Diferença em Filosofia-Educação (UFRGS – Brasil).

VANINNE PEREIRA VAJARDO

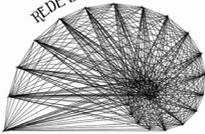
Mestre em Educação (IFSul). Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Linha de

Pesquisa Filosofias da Diferença em Educação. Membro dos grupos de pesquisa: DIF – artistagens, fabulações, variações (CNPq/UFRGS) e da Rede de Pesquisa Escriteiras da Diferença em Filosofia – Educação – REDIF (CNPq/UFRGS).

SILAS BORGES MONTEIRO

Doutor em Educação (FE-USP), professor associado da UFMT. Pesquisador da Rede de Pesquisa Escriteiras da Diferença em Filosofia-Educação, do GEPEFE-FEUSP e líder do grupo Estudos de Filosofia e Formação (PPGE/PPGF/PPGPSI UFMT).

REDE DE PESQUISA



ESCRITURAS
DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO

